



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS
RAINHA DONA LEONOR

Jornal Académico

Nº 83 — Junho 2019

“Assim o mito se escorre / A entrar na realidade / E a fecundá-la decorre....”

Pessoa, Fernando, *Mensagem*



Eu XPTO, alegorias dos elementos da natureza com atributos. Junting Wang

Dia do Agrupamento

Página 14

Dia da Poesia

A 1 de abril, dia em que a nossa escola comemorou o dia mundial da poesia, fomos presenteados com uma atuação dos alunos do Instituto Gregoriano de Lisboa de forma a celebrar a poesia.

Página 15



Associação de Estudantes — Semana Política

Mais um evento organizado pela Associação de Estudantes, as palestras realizadas visaram a melhor compreensão do estado político em que não só Portugal se encontra, mas também o mundo.

Página 17

Cada Cabeça Sua Sentença

Os Limites do Humor

Página 18

Apontamentos de Despedida

Páginas 28 e 29

O Prémio Literário foi atribuído ao texto “Tudo o Que Tenho no Saco... Eça e os Maias” escrito por Francisca Salema, 11º ano.

Editorial

Por agora, a viagem terminou. Estamos na porta de saída de mais um ano e despedimo-nos com a alegria habitual que chega depois do dever cumprido.

A viagem teve alguns percalços. Houve, a espaços, pequenas turbulências que, apesar de nos fazerem estremecer, tiveram a virtude de nos tornar mais fortes (“o que não nos mata, fortalece-nos”).

É certo que alguns ficaram pelo caminho, (por isto ou por aquilo, não poderiam prosseguir), mas um dia, que pode ser breve, hão de chegar, descansem!

É altura de fazer um balanço e aproveitarmos os resultados como ponto de partida para outras viagens, outros caminhos, enfim, outros voos. Viajamos, então, nos canais da memória, nem que seja para memória futura e registamos os momentos marcantes deste percurso que nos permitiu chegar aqui e agora.

Viajámos ao futuro pela Web Summit, até à quarta Revolução Industrial; não desistimos de lutar pelos nossos direitos (mais que não seja pelos homens e mulheres que lutaram por eles e morreram sem os ter), por isso, gritámos bem alto os Direitos Humanos; estivemos juntos contra a violência doméstica, no dia de luto nacional; estivemos juntos pelo ambiente nas manifestações estudantis pela emergência climática; estivemos juntos a favor da igualdade de género, dentro da escola e fora dela. E mais... muito mais...

Despedimo-nos de todos, alunos e alunas, professores e professoras, e a todos agradecemos as palavras maravilhosas com que povoaram este jornal (sem elas, as folhas em branco eram uma ilha deserta). Muito obrigada! Foi um prazer ter-vos aqui (Raquel, Vasco, Maria João, João, Alexandre, Carlota, Catarina, Matilde, e tantos, tantos outros).

Uns rumarão a outras paragens e temos a certeza que levarão um pouco de nós, sim, porque nós somos, também, o que dizemos e as palavras (muitas) não as leva o vento, garantimos. Outros, continuarão por aqui. Queremos acreditar que não nos deixarão sem palavras.

As Coordenadoras

Nesta edição:

Momentos Reais	3 a 13
A Festa do Agrupamento	14
A Festa da Poesia	15
School Trip to Scotland	16
Associação de Estudantes	17
Cada Cabeça Sua Sentença	18 e 19
Os Nossos Artistas	20 e 21
Contadores de Estórias	22
Os Nossos Poetas	23
SPO	24 e 25
Os Nossos “Likes”	26
Apontamentos	27 e 28



- FICHA TÉCNICA -

COORDENAÇÃO: Ana Veríssimo, Lucília Cid, Sarah Serra

COLABORAÇÃO: Augusta Crespo, Adriana Fernandes

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAINHA DONA LEONOR

Rua Maria Amália Vaz Carvalho, 1749- 069 Lisboa

<http://www.aerdl.eu>

Primavera

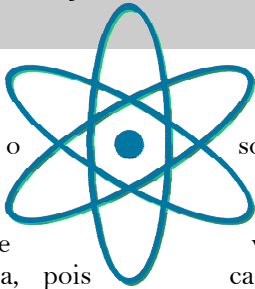
Maio, “quando o sangue novo atíça”, cheira sempre a primavera: são as cerejeiras pintadas de vermelho, o verde dos prados coberto de amarelo, branco, azuis arroxeados, e sei lá que mais... A primavera traz sempre novidades: é um recomeço, o início de outro ciclo, é uma nota de esperança, em cada ano!

Este ano não é diferente: as tarefas dos dias multiplicaram-se, a corrida acelerou. Estamos quase a fechar mais um ano letivo. Já vemos a meta lá ao fundo... E cada ano traz e leva novidades. Cada ciclo apresenta recorrências. “É a vida.” dizem os mais resignados. “É a vida!” pensam os mais entusiastas.

Viver é continuar e recomeçar, sem dúvida! É o prazer de um sabor de infância; o deleite de uma brisa fresca ao cair da tarde; o frémito das gotículas de mar a aflorar a pele! Saborear e sentir a vida deveria ser um direito de cada um e de cada uma! Deveria ser...

Cumpramos com o dever! Pelo caminho, aproveitemos o sol, descubramos o sorriso e vivamos a VIDA! Até dezembro!

A Direção



Física(em)mente

Estima do Leitor É com muita alegria que escrevo esta crónica, pois deste modo retomo o contacto, sempre amável, com o meu Leitor.

Desta vez proponho-me abordar nada mais, nada menos, que o efeito fotoelétrico. Este efeito foi descrito pela primeira vez em 1887, por Heinrich Hertz, quando verificou que um metal iluminado por luz ultravioleta produzia faíscas com mais facilidade do que quando era iluminado por outra luz.

Posso intuir que o meu caro Leitor já está a abanar a cabeça e a encolher os ombros e a pensar “Mas qual é o interesse disso??? Largar faíscas quando é iluminado?????”

Mas também posso ver o meu Leitor com um ar admirado, após as questões que formulou, e a pensar que afinal é algo curioso, um metal a produzir faíscas quando é iluminado!!!!

É verdade, caríssimo Leitor, o facto de um material condutor ter a capacidade de “soltar faíscas” quando é iluminado por uma determinada radiação, é um fenómeno extremamente interessante, além de ser muito perturbador.

Em primeiro lugar quero sossegar o Leitor, este fenómeno não ocorre com toda a luz, só com as radiações mais energéticas, e em segundo lugar, pode o estimado Leitor ficar tranquilo, que connosco tal não sucede. Por mais energética que seja a radiação que apanhemos, não vamos

soltar faíscas, será mais fácil que o façamos em situações de sala de aula e do dia a dia, em que por vezes não soltamos pequenas faíscas mas sim trovoadas inteiras!

Penso que há uma grande semelhança entre o efeito fotoelétrico e o efeito que algumas pessoas ou situações têm na nossa vida!

Mas, vejamos então o que é o efeito fotoelétrico.

Este efeito consiste na emissão de eletrões por um material condutor, quando é exposto a luz de elevada frequência. Deste modo, o material não emite eletrões se for iluminado por uma luz amarela, mas poderá fazê-lo se for iluminado por uma luz azul ou violeta. O valor limite da frequência da radiação que consegue pôr o metal a emitir eletrões, varia de metal para metal. A descoberta do efeito fotoelétrico permitiu compreender melhor a natureza da luz e também a construção de células fotoelétricas.

Compreender melhor a natureza daquilo que nos rodeia é algo que nos apaixonava, é como tentarmos perceber melhor o nosso modo de pensar e o nosso modo de atuar, bem como o modo de pensar e de atuar de quem nos rodeia.

Por estes dias ando com uma pergunta “Como conseguirei manter os meus alunos, de corpo e alma, nas minhas aulas?”. Sim, porque os corpos estão lá, mas as almas.....!

Quanto às células fotoelétricas, são aquelas que têm a capacidade de transformar a energia luminosa em energia elétrica, e podem funcionar

como geradoras de energia elétrica ou como sensores capazes de medir a intensidade luminosa.

Sem dúvida que eu também “sinto” o efeito fotoelétrico, basta que me exponham a pessoas e situações “radioativas”, significando com isto que essas pessoas e situações farão com que eu emita eletrões, que não serão faíscas, e ainda bem! Mas também podemos considerar, o meu caríssimo Leitor e eu, que o efeito fotoelétrico humano poderá ser positivo, uma vez que as faíscas poderão ser conduzidas de modo a abrir portas, como o caso das portas automáticas, pois utilizam células fotoelétricas, mas no nosso caso, portas da inteligência, de modo a que consigamos perceber melhor os pontos de vista dos outros, que muito provavelmente são diferentes dos nossos, pois somos todos diferentes. E também conseguimos ser sensores, e sensores muito sensíveis, pois algumas vezes basta algo insignificante e reagimos como se o céu nos caísse em cima da cabeça, tal qual os gauleses irredutíveis do Uderzo e do Gosciny.

Está a acabar um ano letivo, e quero agradecer a todos os meus alunos o muito que aprendi com cada um. O B R I G A D A !

A todos os que terminaram a odisseia do Ensino Secundário, desejo MUITAS FELICIDADES!

Até breve

MFM

Dia da Europa



No último dia 9 de Maio, comemorámos, no âmbito do Projeto “Escola Embaixadora do Parlamento Europeu”, o Dia da Europa.

Para um dia repleto de atividades, reunimos algumas turmas do Secundário (11º 11ª, 12º 8ª e 12º 9ª) no átrio da Escola, sob um mobile de

bandeirinhas dos países que compõem a União Europeia.

Começámos por fazer uma roda gigante, onde acompanhados à guitarra, cantámos o Hino da Europa. Mas não ficámos por aqui: numa banca foram prestadas informações sobre os programas europeus para a juventude, como por exemplo o ERASMUS. Para além de informarmos os alunos, dinamizámos alguns jogos acerca da União Europeia. Entre eles, questionários acerca das datas de adesão e membros da União, identificação de países através de mapas-mundo de diversas épocas e desenho do mapa político da Europa com recurso apenas à memória de cada participante. Entretanto, os alunos também participavam na atividade (concebida pelo 11º 11ª) que consistia na utilização de QR codes para acederem a perguntas de escolha múltipla sobre a UE.

Reunimos algumas opiniões acerca destas atividades: “foi bastante positivo. Gostei bastante de ver que os nossos alunos têm boas noções acerca da União Europeia”; “gostei

muito de obter informações importantes acerca do que a União Europeia me pode oferecer no futuro”; “esta atividade melhorou bastante a minha visão acerca do que é a UE e o quão importante pode ser nas nossas vidas”.

Mais tarde, a nossa turma (12º 9ª) teve ainda o privilégio de, após preparação prévia nas aulas de Ciência Política, participar num debate onde os alunos encarnaram os candidatos às eleições europeias em Portugal. Este debate foi bastante interessante não só porque elucidou os alunos acerca do que cada partido defende como também estimulou o nosso sentido crítico, argumentativo e a capacidade de oratória. Ao mesmo tempo, desafiámos as nossas próprias perspetivas uma vez que tínhamos, em muitos casos, de defender princípios que não partilhamos.

Em suma, foi uma manhã inesquecível.

Gabriel Martins

Matilde Freitas

Rita Martins

Para o evento, organizado pela Professora Ana Oliveira, os alunos da turma 11º 11ª, na disciplina de Área de Integração, organizaram um Peddy Paper com questões sobre a Europa dos 28. Para entrar na competição, os participantes foram convidados a utilizarem o telemóvel, um link e uma senha que foi divulgada. Mas isto de usar máquinas tem o seu quê e... houve uns momentos de atrapação

Ora aqui estão os especialistas a solucionarem o problema. Tudo foi resolvido, mas nenhum participante atingiu o resultado tão esperado, 100%.

Ana Isabel Mendes



Última hora!

Após todo um ano de atividades em torno do projeto europeu, a saber, debates com eurodeputados, realização de trabalhos sobre a União Europeia, participação em Visitas de Estudo, em debates e workshops sobre a União Europeia e na Cimeira das Democracias, a Escola Secundária Rainha Dona Leonor recebeu a certificação de **Escola Embaixadora do Parlamento Europeu**, no passado dia 17 de maio, numa cerimónia que decorreu na Escola EBS Quinta das Flores, em Coimbra. A placa que testemunha tal distinção será, oportunamente, afixada na entrada da Escola.



World Press Photo

No dia 3 de maio, os alunos do 12^o9^a participaram numa visita de estudo ao **World Press Photo (WPP)**, no âmbito da disciplina de Geografia C.

Esta exposição (que resulta de um concurso onde participaram 4738 fotógrafos de 129 países diferentes) aborda temas importantes do nosso mundo atual.

Entrando no Museu Nacional de História Natural e Ciência, os alunos depararam-se, primeiro, com uma sala onde estavam expostas fotografias de um concurso da Galp, independente do WPP. Numa linha temática um pouco diferente das da exposição que os levou ao Museu, as imagens desta competição revelavam a realidade vivida pelos habitantes de países de língua oficial portuguesa, especialmente em África, além de algumas paisagens desses mesmos locais.

Passando ao WPP propriamente dito, os alunos tiveram a oportunidade

de se movimentarem pela sala ao seu ritmo, concentrando-se nas fotografias que mais os interpelavam. As fotografias expunham a realidade existente hoje em dia sobre os mais variados temas, desde o ambiente e a conservação animal às guerras e sistemas políticos em decadência, passando pela discriminação contra as mulheres e muitos outros.

Uma mensagem bastante clara ficou presente na cabeça de todos os que realmente prestaram atenção ao que viam: o mundo em que vivemos não é perfeito, nunca o foi e, se não mudarmos e não fizermos um esforço nesse sentido, nunca o será.

É uma exposição muito interessante e importante para qualquer pessoa, quer seja um estudante ou um adulto pois adiciona uma visão diferente à nossa já formada perspectiva do que se passa atualmente. Demonstra também a enorme coragem e mestria que estes fotógrafos precisaram de ter para serem capazes de captar situações tão extremas

como as representadas.

Fica o agradecimento ao professor André Machado, à professora Ana Ricoca e à professora Ana Oliveira por nos terem proporcionado esta oportunidade única.

Matilde Freitas



Concurso Traduzir

Como é já tradição no grupo disciplinar de inglês, dinamizamos novamente o Concurso “Traduzir”, promovido pela Universidade Católica Portuguesa.

Desta vez tivemos 33 participantes, na tarde do dia 13 de março.

Como de costume, os alunos

tinham 3 horas para traduzir um texto e, este ano pela primeira vez, tivemos alunos até ao final do tempo regulamentar. Houve inscrições para os textos em língua inglesa, francesa e em língua espanhola. Desta vez ninguém se arriscou na língua alemã.....

Os resultados saem apenas em

junho mas são selecionados 4 textos de cada língua em maio e, este ano temos novamente uma aluna nomeada:

Catarina Mendes, do 11^o9^a, com o texto em língua espanhola. Boa sorte para a final, Catarina, e **PARABÉNS!!!**

Professores de inglês

Projeto Terra

A ideia de realizar este projeto começou no dia em que visualizámos o documentário “Abelhas e homens – E se as abelhas desaparecerem?...”.

Ganhámos mais ideias no dia em que o antigo aluno das nossas professoras Paula Crispim e Margarida Alpalhão, o Gonçalo Duarte, veio à nossa turma falar sobre o que fazia e a importância que as abelhas têm nas nossas vidas.

Mais tarde, no dia 10 de janeiro de 2019, realizámos uma visita de estudo cuja manhã se passou no pinhal de Leiria. Plantámos 108 pinheiros numa das zonas que foram destruídas pelos incêndios de 2017.

Começámos então, aos poucos e poucos, a dar início ao nosso projeto, tornando-se na “Viagem ao Centro da Terra”, na qual as abelhas revelaram ter uma importância vital para a nossa vida.

Dividimos os trabalhos por cada aluno ficando cada um com a sua função. Uns fizeram abelhas em três dimensões, outros fizeram colmeias; uns trataram dos textos lidos em francês e em português, nomeadamente do livro “A Viagem ao Centro da Terra” de Júlio Verne, e alguns ajudaram na construção de uma figura em três dimensões que pretende demonstrar a nossa ideia de uma viagem ao centro da TERRA.

**Ada Cassueca ,
Francisco Ferreira e
Raquel Bajouca**



Grupo de Teatro – Quem é Max?

De todas as vantagens que, na escola, a prática do teatro pode trazer, destaca sempre a aprendizagem de um respeito pelo grupo e por regras coletivas que mudam, de facto, comportamentos e perspetivas sociais implícitas. Das várias experiências em que participei, em todas elas acabou por revelar-se uma mais valia, quer do ponto de vista de aprendizagens múltiplas, quer no que respeita a perceções e concretização de práticas de sociabilização, auto estima e integração.

O Grupo de Teatro do Rainha D. Leonor, este ano constituído por alunos desde o 8º ano até ao 12º, escolheu *Dicionário* entre três textos escritos de propósito para esta edição do Festival Panos; um de Deborah Pearson, autora canadiana, outro de Isabela Figueiredo e ainda um de José Maria Vieira Mendes, estes últimos autores portugueses. Tal escolha e a identificação que com ela se relaciona foram, desde logo, importantes

para construir o espetáculo. Nem sempre saberemos racionalizar as nossas preferências mas, por vezes, mais tarde, poderemos entender o que estava subjacente a um impulso. E neste processo de construção - o de um espetáculo e em paralelo o de uma identidade coletiva - fomos, ao mesmo tempo, fazendo perguntas e encontrando respostas que, por vezes, nos encaminham para outras questões.

Quem é Max? A esta pergunta somos convidados a responder ao ver a peça *Dicionário* escrita por José Maria Vieira Mendes para o Festival Panos, este ano organizado pelo Teatro Nacional D. Maria II. O grupo de Teatro da nossa Escola sempre integrou o Festival Panos, e em 2013 foi vencedor com a encenação de *Às Escuras*, um texto de Davey Anderson. A estreia de *Dicionário* foi no dia 5 de Abril.

Ana Paula Costa



Grupo Coral e Clube de Música

O Concerto do início da Páscoa 2019 começou pela Eugénio, tendo depois chegado a vez do Rainha.

Na Eugénio, no hall de entrada, tivemos Professores, Alunos, Funcionários, Pais a assistirem; algumas Mães chegaram a cantar connosco alguns temas, de tanto acompanham os filhos em casa.

No Rainha, no auditório, estiveram sobretudo Alunos e Professores de turmas de 7º ano, mas também vários Pais cá vieram ver e fotografar / filmar estes não fáceis momentos de estar em público. Tanto rapa-

rigas como rapazes emprestaram a sua voz aos vários temas, conquistando o natural nervosismo. Terminámos, claro, com o Oh Happy Day when Jesus washed my sins away, na

conhecida versão de Edwin Hawkins, que foi complementada também com vozes de quem estava sentado..

Na rampa final do ano letivo esperamos estar de novo na Eugénio e, num momento flash, no Rainha. Fiquem bem.

Os Professores,
Teresa Fernandes
(Inglês-RDL) e
Miguel Rodrigues
(Música-ES)



Desporto Escolar

Voleibol

Com o mesmo espírito de sempre, lembrando que o sorriso e o prazer da prática são muito mais importantes que o resultado desportivo, os grupos de Voleibol do 7º ano deslocaram-se ao Colégio S.J. de Brito para o Torneio Final. Destaque para o desempenho da equipa masculina que conquistou o título de Campeão ao vencer nas meias finais e final a escola Luís de Camões e Colégio Valsassina, respetivamente.

Um ano de muito trabalho e o prémio merecido para os mais jovens.

O Professor responsável

João Saudade



Ténis de Mesa

Préstes a encerrar mais um ano letivo, o clube de Desporto Escolar de Ténis de Mesa da nossa escola termina também um ano recheado de vários momentos competitivos e de treino.

Assim, realizámos no final do 1º período o nosso habitual torneio que contou com a participação de cerca de 20 alunos do 3º ciclo e Secundário. Os vencedores foram:

3º ciclo: Tiago Pinto,

Secundário: Afonso Silva

Feminino: Ana Antunes

boa Cidade

Afonso Silva – 1º classificado Juvenis na fase Lisboa Cidade

Diogo Bogalho – 5º classificado Juvenis na fase Lisboa Cidade

Catarina Santos – 3ª classificada Juvenis na fase Lisboa Cidade



Nos campeonatos do Desporto Escolar, realce para as classificações finais dos nossos alunos, com destaque para:

Tiago Pinto – 2º classificado Infantis B na fase Lisboa Cidade

Gonçalo Oliveira – 4º classificado Infantis B na fase Lisboa Cidade

Maria Reis – 2ª classificada Infantis B na fase Lisboa Cidade

Leonor Mendes – 4ª classificada Infantis B na fase Lis-



Os alunos Afonso Silva e Diogo Bogalho apuraram-se para o Campeonato Regional que se disputou em Pinhal Novo, Setúbal, tendo ficado respetivamente em 8º e 19º lugares.

Assim terminamos mais um ano de Desporto Escolar na modalidade de Ténis de Mesa. Mais de 30 alunos treinaram desde o mês de Setembro, cerca de 14 participaram nas competições do Desporto Escolar.

Obrigado a todos e até para o ano!

O Professor responsável

Sérgio Pereira

Entrevista ao professor Miguel Vale de Almeida



Miguel de Matos Castanheira do Vale de Almeida é um antropólogo português, ativista LGBT e foi deputado na Assembleia da República pelo Partido Socialista, tendo estado envolvido na aprovação da lei que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo e da lei de identidade de género.

Perante isto, achámos que era a pessoa indicada para fazermos esta entrevista.

Pergunta 1:

Em relação à comunidade LGBTQI+ quais foram as bases do seu trabalho? Porque é que começou?

Miguel Vale de Almeida conta-nos que o movimento LGBTQI+ só começou muito tarde, por volta dos anos 90.

Que este teve início com o movimento de luta contra a sida, em que houve um número elevado de mortes e de pessoas gravemente infetadas. Perante isto, juntaram-se grandes grupos de ativistas, constituídos principalmente por homens homossexuais, que dadas as dificuldades com que se depararam ao se assumirem, perceberam que tinham de fazer uma luta contra o preconceito e a homofobia.

A partir daí rapidamente se expandiu para um movimento de ação LGBTQI+, focado na existência de igualdade perante a lei, inclusão da orientação sexual na constituição e aprovação do casamento.

Pergunta 2:

O que é que o levou a defender esta causa?

Miguel Vale de Almeida, no seu

trabalho como antropólogo, começou por defender a masculinidade e a igualdade de género, estando também envolvido nos referendos do aborto.

Mais tarde entrou nas ações LGBTQI+, lutando pela igualdade no casamento, pois considera que seja “o reconhecimento máximo que o estado pode dar para tornar heterossexuais e homossexuais iguais”, acabando por conseguir a aprovação de cerca de 70% da população.

Pergunta 3:

Em relação à adoção, vimos uma notícia (não sabemos se é verdade ou não) em que já é aceite a adoção por parte de casais homossexuais, mas que em 3 anos não houve nenhuma criança que tenha sido realmente adotada. Portanto, acha que estão a tentar adiar o processo mesmo que já seja legal?

O Professor Miguel Vale de Almeida afirma que em relação à adoção se trata de um tema diferente, pois a proposta desta comunidade e de alguns partidos era que a adoção por casais homossexuais e o seu casamento fossem aprovados na mesma altura.

Mas o PS recusou e quis dividir. Primeiro, legalizavam o casamento e posteriormente, tentariam legalizar a adoção. O que levou bastante tempo e, só em 2016, foi aprovado, pelo que só em 2017 devem ter começado as candidaturas para a adoção.

Portugal foi o único país a fazer esta divisão e não aprovar as duas leis ao mesmo tempo, acabando por se revelar um país um pouco retrógrado, pois para fazer mudanças deste tipo, tem que haver uma maioria no parlamento.

Pergunta 4:

Quando começou o seu trabalho como é que foi a reação das pessoas? Acha que apoiaram?

Em relação ao seu trabalho sentiu um pouco de oposição e alguns obstáculos. É principalmente mais complicado certo tipo de oposição em situações como debates televisivos.

Acrescentou que acaba por lidar bem com os opositores, pois considera que são maneiras diferentes de ver

as coisas, também ligado a uma mente mais religiosa.

Na maioria acabou por sentir um grande apoio na sociedade em geral.

Pergunta 5:

Alguma vez sentiu algum tipo de ameaça que o fizesse mesmo pensar em desistir desta luta?

Disse-nos que nunca sentiu nenhum tipo de ameaça e que até teve bastante sorte pois existem inúmeros casos de pessoas ameaçadas pelo simples facto de serem gays.

O professor acha que isso se deve ao facto de ser homem e professor bastante reconhecido pela sociedade e que se fosse uma mulher jovem e com menos nível de educação formal seria muito mais atacado

Pergunta 6:

Nas leis que foram aprovadas, que argumentos contra é que recebeu para a não aprovação das leis?

Em relação aos argumentos contra, dividiam-se essencialmente em dois grupos:

os essencialistas, baseados na natureza, ou seja, a reprodução entre um homem e uma mulher.

E os homofóbicos, que defendem que dois homens com uma criança é algo bastante mal visto e prejudicial para a criança.

Ambos os argumentos são fracos, pois torna-se difícil encontrar argumentos a favor da desigualdade e o preconceito.

Pergunta 7 (de caráter mais pessoal):

Perante amigos e família aceitaram? Não aceitaram? Foram reticentes?

A nível pessoal, Miguel Vale de Almeida conta-nos que se assumiu perante os amigos e família como homossexual aos 25 anos, e que não teve qualquer tipo de problema, pois vem de uma família muito liberal, mas que, como é normal, existe sempre uma reticência, a sensação de estar ali outra pessoa que não a que pensavam, mas com o tempo acaba por passar e voltar ao normal.

Entrevista realizada por:

Maria Correia, Marta Garcia e Sara Dias

Projeto Economia C - Uma Aula Diferente

A semelhança do que já havia acontecido noutros períodos, dia 13 de fevereiro, nós, 12^o 6^a, no âmbito da disciplina de Economia C, regressámos (felizmente!) à escola Primária do Bairro de São Miguel, onde, desta vez, demos aulas sobre o consumismo e o impacto que este tem no meio ambiente.

A cada grupo de 3-4 elementos foi atribuída uma turma do 2^o ao 4^o ano, sendo que a muitos calhou uma já conhecida de anteriores visitas, o que tornou a experiência ainda mais gratificante, ao vermos que os meninos não só ainda se lembravam de nós, como até dos nossos nomes!

Cada grupo havia passado as semanas anteriores a preparar a aula, que daria em cerca de 1 hora, tentando ao máximo elaborar jogos e atividades interativas que conciliassem o lúdico com o divertido.

Confesso que talvez seja suspeita,

quando falo do quão gratificante esta experiência é (já que sempre que lá vou, cresce em mim o bichinho de um dia ser professora), mas a verdade é que enriquece cada um de nós de uma maneira que só compreende quem lá esteve mesmo. Chegar ao fim do dia e apercebemo-nos de tudo o que lhes fomos capazes de ensinar é, sem dúvida, recompensante, principal-

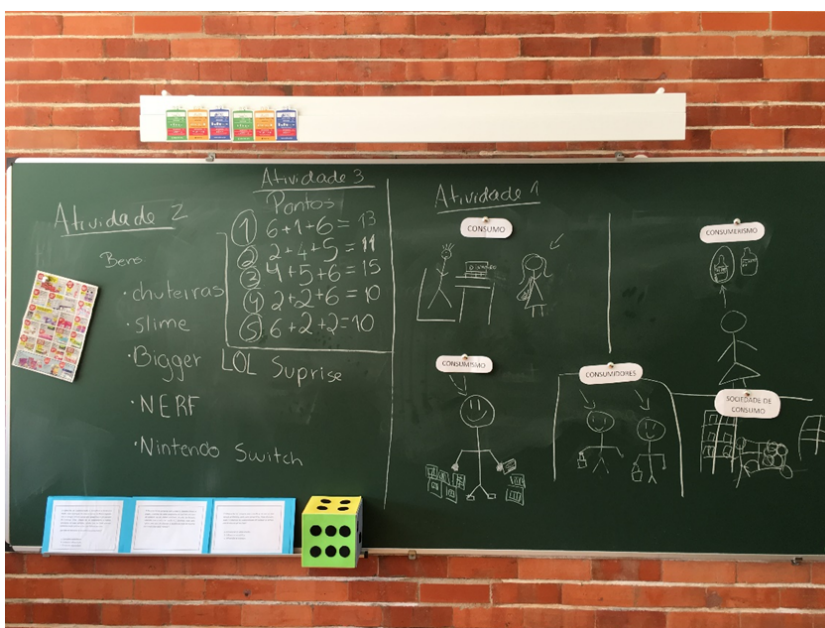
mente neste tema das alterações climáticas, cuja reversão dependerá, em grande parte, deles!

Assim, arriscaria dizer, em nome de todos, que é com grande pena que não teremos oportunidade de repetir esta experiência. Não obstante, recordamos com muito carinho as que nos foram possíveis realizar!

Joana Pechirra



"Eu sei a resposta! Aqui! Aqui! Escolhe-me a mim!"- gritavam os alunos do 2^oC



ela terceira vez, tivemos a oportunidade de lecionar uma aula aos alunos do 3^o ano da EB1 Bairro de São Miguel. Desta vez, o tema foi a "Influência da Publicidade no Consumo" e um dos aspetos que nos surpreendeu foi a

consciência que os alunos têm de como o seu consumo é influenciado. Para além disto, espantou-nos também a noção de alguns alunos em relação ao consumo excessivo do plástico, sendo que a própria professora nos explicou que durante o lan-

che, os alunos não usam as palhinhas dos seus sumos, leites, etc.

Quando à nossa perspectiva, não tivemos muita dificuldade em organizar as informações para o trabalho, dado que estávamos familiarizadas com o tema. O maior obstáculo que enfrentamos foi talvez criar atividades didáticas que conseguissem melhor captar a atenção dos alunos.

Concluindo, a aula superou as nossas expectativas, tanto a nível do interesse dos alunos, como a nível da sua constante participação nas atividades. Eles gostaram tanto da atividade que, no fim, se despediram de nós de forma carinhosa e a pedir para voltarmos. Isto leva-nos a crer que estas iniciativas são uma boa forma de aprendizagem para os dois lados.

Mariana Pessoa e

Joana Carvalho

Suporte Básico de Vida

No dia 8 de maio nós, 9^o1^a e 9^o2^a, fomos assistir a uma palestra no auditório, sobre Suporte Básico de Vida, dada por um médico do INEM, no âmbito da disciplina de Ciência Naturais.

Durante a palestra aprendemos, com a prática, o que fazer em caso de inconsciência de uma vítima.

Em primeiro lugar, devemos verificar se o local está seguro para podermos prosseguir. De seguida, avaliamos o estado de consciência da vítima. Se esta não responder gritamos por ajuda: “Tenho uma vítima inconsciente! Preciso de ajuda!”. Após pedir ajuda, permeabiliza-se a via aérea com a elevação do maxilar inferior (colocar uma mão na testa, inclinar a cabeça para trás e elevar o queixo). Depois executamos o VOS (Ver, Ouvir e Sentir) durante 10 segundos para verificar se a vítima está a respirar.

Se a vítima não respirar ou respirar de forma ineficaz deve-se pedir a alguém para avisar o 112 enquanto outra pessoa poderá começar a aplicar as medidas de Suporte Básico de Vida (S.B.V). Ao ligar para o 112, manter o telemóvel em alta voz e começar por indicar a localização da vítima. Seguir as instruções que forem dadas!

O S.B.V. começa com 30 compressões que se fazem com os braços esticados e perpendiculares ao corpo da vítima, no peito, com o ritmo de 100 a 120 por minuto. Ao fim de 30 compressões efetuam-se 2 insuflações através da boca da vítima. Deve-se continuar com este processo até à chegada de ajuda profissional (INEM).

No caso de a vítima respirar de forma eficaz, dispor a mesma em **Posição Lateral de Segurança (P.L.S.)**:

1. Retirar objetos / acessórios.
2. Colocar-se de joelhos junto à vítima que deve estar deitada de costas com as pernas esticadas.
3. Colocar o braço da vítima mais próximo, para

cima, ao lado da cabeça, com a palma da mão voltada para cima.

4. Segurar na mão contrária e levá-la até à face da vítima, com a palma da mão virada para fora.
5. Segurar a perna mais afastada da vítima, mantendo-a fletida, formando ângulo de 90°.
6. Virar a vítima para o seu lado e colocar a mão da vítima debaixo da face e a cabeça em extensão.



Com a palestra aprendemos a aplicar o S.B.V., de uma maneira mais prática e interessante.

Queremos deixar a mensagem de que TU PODES SALVAR UMA VIDA!

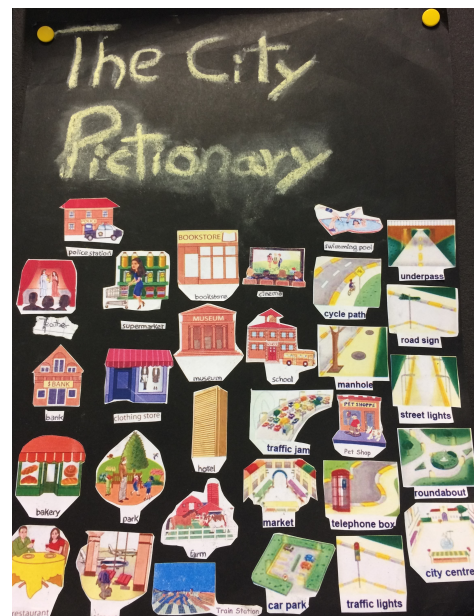
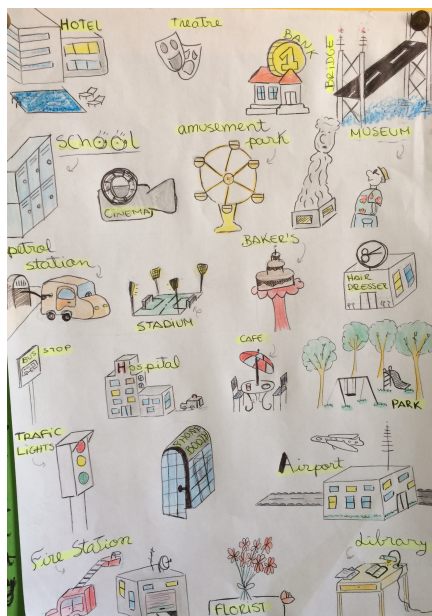
(A informação que se encontra acima consta de apontamentos da palestra e do manual de C.N.)

Rita, Maria, Matilde e Sofia

Around the City

Hello everybody!
We are now studying the unit 7 of our course-book, about the city. We have been learning a lot of vocabulary, some places that we didn't know, and also how to ask information about the way and how to give directions. Modal verbs and future forms are also included in this unit and the advantages and disadvantages of living in the city/countryside. To consolidate our vocabulary each one of us has prepared a "City Pictionary". Here are some photos.

Manuel França e Mariana Reis



E Ainda o Clima

Alterações Climáticas - Francisca Salema em “Prós e Contras”

No dia 24 de março, dois meses antes da segunda greve climática estudantil que decorreu no dia 24 de maio, tive a oportunidade única, devido ao meu envolvimento como organizadora da greve climática estudantil em Lisboa, de participar num painel no programa Prós e Contras, na RTP, em conjunto com cientistas de renome internacional e outros organizadores da GCE que vieram de todos os cantos do país.

Foi 9 dias depois da primeira greve de 15 de março, na qual contámos com 20 mil manifestantes nas ruas, por todo o país. Depois de termos chegado à Fundação Champalimaud onde iríamos gravar o programa em direto na televisão nacional, fomos direcionados para uma sala de espera e de maquilhagem, onde pudemos conhecer alguns dos cientistas que nos tranquilizaram, a nós, aos estudantes - que estávamos a ler ansiosamente papéis de perguntas e infor-

mações que preparámos - que iria correr bem. Uma das cientistas reconfortou-nos ao dizer que sabia que todos acreditávamos muito nesta causa e que, por causa disto, não havia maneira das nossas intervenções correrem mal. A apresentadora, Fátima Campos Ferreira, foi muito simpática bem como todas as pessoas envolvidas na produção. Levaram-nos para o estúdio que tinha uma grande plateia e uma vista para o rio, mesas com um design futurista que só se vê na televisão, com câmaras e luzes que apontavam diretamente para as nossas caras. O programa começou, e, ao início, foi assustador. Estávamos todos com medo de intervir e a ter cuidado com as nossas palavras, mas à medida que o longo programa de 50 minutos se foi desenrolando, com as intervenções dos cientistas, fomos sentindo-nos cada vez mais confiantes, e intervindo cada vez mais, e o programa foi um sucesso. Para mim, a parte mais difí-

cil era começar a falar, com as câmaras a apontar para mim e a minha cara no ecrã grande atrás da apresentadora. Mas daí, as palavras continuavam a sair, desta vez sem esforço, até o meu raciocínio acabar.

O programa foi um sucesso: tivemos 500 mil visualizadores, o maior número na história do programa até àquela data. Muita gente nos deu os parabéns, e o feedback foi, em geral, muito positivo. A minha experiência única nesse dia que decerto não vou esquecer tão cedo demonstra que quando se acredita mesmo numa causa, isso mostra-se na maneira como tu falas sobre esse assunto, e é assim que conseguimos cativar as pessoas a juntarem-se a um movimento como o meu, e juntar cada vez mais gente à luta pela justiça climática e pelo nosso futuro.

Francisca Salema

A chegada do dia 24 de maio foi algo que nos pareceu a nós, organização como completamente irreal. Algo para o qual nos preparamos e trabalhamos incansavelmente e que finalmente chegou; no entanto ainda havia tanto para fazer e para tratar.

Mas mais irreal que este dia ter chegado foi a quantidade de pessoas que se iam juntando no Marquês de Pombal. A energia que se foi construindo, os cartazes e as vozes que se foram erguendo, todos e todas lá pelo mesmo propósito, todos e todas a lutar pelo futuro do planeta. Inundamos mais uma vez avenidas e ruas enormes, andamos ao sol, e gritamos mais e mais alto: exigimos emergência climática, exigimos justiça, exigimos ação, pela segunda vez, nas praças de Lisboa. A energia que vinha das sete mil pessoas que caminhavam juntas por um só propósito foi estonteante. Todos ficámos completamente maravilhados, os e as manifestantes pareciam ter energia infinita e nós, que gritávamos nos megafones, também. Chegamos à Assembleia da

República a saltar e a gritar e fomos recebidos pelo Presidente da Assembleia. Ao tentar, com outros organizadores, falar com ele, a sua voz era abafada pelas vozes que vinham das minhas costas e que gritavam quase incessantemente 'menos conversa, mais ação!'. Foi dos momentos em que me senti mais orgulhosa.

Apesar de já termos tido duas greves climáticas não é desta que vamos parar de lutar. Vamos continuar a publicar o nosso manifesto e a fazê-lo chegar aos nossos governantes cujo dever é proteger-nos a nós e ao nosso futuro, mas esse dever e promessa não está a ser cumprido. A nossa luta não acaba. A nossa luta só acaba quando o futuro das nossas crianças estiver assegurado, quando esta crise estiver a ser tratada como tal, quando as alterações climáticas pararem de pôr em risco a própria existência da humanidade. Por isso, não nos vamos calar.

Francisca Salema



E Ainda o Clima ...

Não Há Planeta B

Inspirados pela ativista de 16 anos, Greta Thunberg, que começou uma greve às aulas, manifestando-se em frente ao Parlamento de Estocolmo, milhares de estudantes de mais de 38 distritos saíram à rua e uniram-se ao movimento global.

Sexta-feira, dia 15 de março, pelas 10h30, de norte a sul do país, juntaram-se milhares de estudantes de todas as idades e entraram em pro-

testo para que o clima se torne uma prioridade governamental e que sejam tomadas as medidas necessárias e adequadas para um desenvolvimento sustentável.

Em Lisboa, os estudantes encontraram-se junto ao Monumento a Camões, praça Luís de Camões (local combinado com antecedência), e prosseguiram pela calçada do Combro até à frente da Assembleia da República. Ao longo do percurso soa-

ram frases como: “Não há planeta B”, “Mudem a política, não o clima”, “O clima está a mudar, por que não nós?”

O movimento terminou por volta das 13 horas e a greve, hoje, já chegou a mais de 100 países.

Sergey Philippov

O Futuro da Humanidade está na Terra?

Um dos cientistas mais populares dos EUA e um dos poucos investigadores da atualidade capazes de se expressar numa linguagem científica compreensível para a maioria de nós, dá a conhecer uma das possíveis realidades do futuro da humanidade.

O livro publicado em 2018 e intitulado *The Future of Humanity* (O Futuro da Humanidade) dá-nos a visão de Michio Kaku: um vislumbre de um futuro em que a ciência e as novas tecnologias nos darão “poderes” tais que nos forçarão a reavaliar o nosso lugar no Universo.

Um futuro em que haverá habitações humanas noutros planetas do sistema solar, ou até fora dele, onde não seremos os únicos seres inteligentes, onde a imortalidade não será apenas um sonho inalcançável e onde possivelmente teremos a capacidade para colonizar outros universos.

Com a agravante do nosso planeta se estar a tornar inabitável, é mesmo necessário que arranjemos alternativas para o nosso futuro. A alternativa que este físico nos apresenta é a habitação de outros planetas e universos. No entanto, com a tecnologia atual, os riscos de sair do Planeta Terra ainda são muito elevados.

Mas, com o avanço exponencial das tecnologias nos últimos tempos e tendo por base a ideia de laserportação, Michio Kaku acredita que até ao final do século, seremos capazes de nos digitalizar. O que é que isto significa?

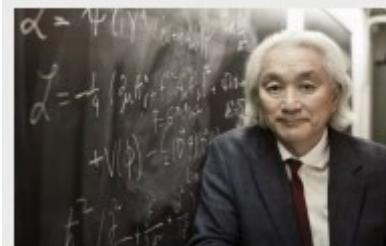
Será possível converter em dados digitais tudo aquilo que nos define: a nossa personalidade, as nossas memórias, etc. Hoje em dia, não é muito difícil imaginar este cenário tendo em conta a pegada digital enorme que cada um de nós tem. Todas as transações com cartões de crédito, tudo aquilo que publicamos nas redes sociais, todo o nosso histórico de navegações na Internet já representam uma significativa informação digital que aumentará imenso no próximo século. De facto, segundo esta teoria, será o nosso próprio cérebro a deixar a sua marca, o que criará a possibilidade de toda esta informação gerada ser comprimida num feixe de luz que será transmitido para outros planetas ou universos: será possível a laserportação.

Laserportação

Uma das ideias que Michio Kaku aponta é a de “teleportação” através de um simples feixe de luz: laserportação. Este feixe de luz seria enviado a partir da Terra com um conjunto enorme de informação que define cada pessoa e, em apenas um segundo estaríamos na Lua, em vinte minutos em Marte, em um dia aproximar-nos-íamos de Plutão e em quatro anos estaríamos perto das estrelas.

Assim, poderemos estar no Espaço a viajar por outros planetas de uma forma muito “fora da caixa” sem que haja o enorme risco de acidentes, sem nos termos de preocupar com naves espaciais e todos os custos que implicam.

Alice Gamboa & Vítor Wang



Michio Kaku

Nasceu em 1947 e é um físico norte-americano que se dedica essencialmente à Teoria de Tudo. Estudou na Universidade de Harvard e na Universidade de Berkeley. Tornou-se professor na Universidade de Princeton e atualmente é professor na City University of New York. Michio Kaku é considerado um dos maiores futuristas da atualidade.

Entrevistamos...

O nosso trabalho é sobre Ilídia Sousa, uma das primeiras taxistas do Porto, hoje com 73 anos de idade. Esta tem sido, desde o seu início, uma profissão associada aos homens, motivo pelo qual decidimos entrevistá-la:

1ª Pergunta:

Como e com que idade ganhou o interesse pela mecânica?

O interesse começou desde muito pequena. Eu sempre gostei muito de bicicletas e de andar de calças. Naquele tempo era raríssimo encontrar uma menina ou mulher assim vestida.

Na 4ª classe (equivalente ao 9º ano da atualidade) eu desisti da escola para ir trabalhar com o meu pai, na sua oficina. Ele também tinha táxis e eu sempre tive interesse por carros, mas só aos 18 anos pude tirar carta de condução pelo meu dia de anos (3/5/1964). Aos 21 anos tirei a carta de veículos pesados e a de mota também tirei, mas mais tarde. Atualmente tenho todas as cartas.

2ª pergunta:

Qual foi a reação dos seus

conhecidos?

Os meus familiares reagiram bem, pois o meu pai tinha uma oficina e era dono de vários carros que eram utilizados por taxistas; também desde muito pequena ia ajudar o meu pai.

3ª pergunta

Sentia-se discriminada pelos seus clientes ou colegas?

Eu nunca me senti discriminada, pelo contrário, podemos dizer que eu era uma das preferidas dos clientes. Eles estavam sempre a pedir-me para que fosse eu a levá-los ao destino.

Os meus colegas sempre me trataram muito bem e respeitavam-me bastante mais do que eu esperava quando comecei a trabalhar.

4ª Pergunta:

Alguma vez teve uma colega mulher?

Nunca tive uma colega mulher e nunca conheci uma da minha zona (Viseu), mas não senti necessidade de ter uma porque nunca tive razão de precisar de uma.

5ª Pergunta:

Ganhava o mesmo salário que os homens?

Eu nunca ganhei salário, pois a empresa era do meu pai, por isso eu não ganhava salário. Mas se a empresa não fosse do meu pai eu talvez ganhasse o mesmo que os meus colegas homens.

Sofia Pires e Madalena Filipe



Um artigo de jornal sobre Ilídia. Nesta altura (tinha 18 anos), Ilídia afirmava que deixaria a mecânica assim que casasse, como faziam as mulheres na altura, algo que acabou por não acontecer.

Dramatizamos...

“Cidadania é uma disciplina que engloba temas como igualdade de género, igualdade no trabalho, homofobia, refugiados e liberdade de escolha... No período passado, o nosso trabalho final foi uma peça de teatro, com um subtema à escolha, dentro do grande tema Igualdade de Género. Centrou-se na Igualdade no Trabalho. Hoje em dia, na nossa sociedade, ainda há muitas mulheres que ganham menos do que os homens, fazendo as mesmas funções e por vezes trabalhando mais horas. Focámo-nos mais na desigualdade no trabalho entre os cargos. Por exemplo, mulheres que eram contratadas para escrever artigos mas acabavam por ser “empregadas” ou “senhoras dos recados” e recebiam menos que os homens.”

Dinis Ribeiro, Mafalda Cravo, Marta Laranjeira e Sara Soutelinho



Ilustração realizada por alunos do 5º F

“Foi bom abordar este importante tema “A Igualdade de Género”. É preciso pensar bem nisto, pois as mulheres não são um “instrumento humano” nem um “saco de pancada”.

Eu adoro fazer teatro, já fiz muitos, mas este foi um dos melhores, pois tentámos sensibilizar as pessoas para este importante problema. Tentámos que este teatro tivesse impacto nos nossos colegas de turma.”

Tomás Pinto

“Nós gostámos de observar os outros trabalhos apresentados pelos nossos colegas. A nossa experiência em relação a esta atividade foi boa. Alguns colegas nossos deviam ir para o teatro.”

Sara Gonçalves e Rita Sancho

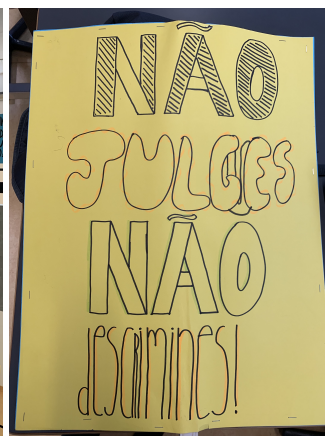
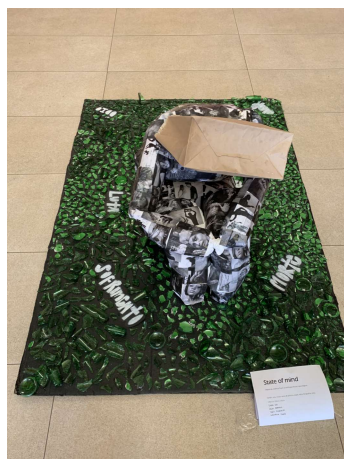
Como é habitual, os alunos de Artes Visuais mobilizaram-se para mostrar os seus trabalhos neste dia.

Durante toda a manhã, o 11º ano fez uma performance de desenho ao vivo nos vidros do átrio.



Atentos às questões atuais, e impressionados pelas notícias do elevado número de mulheres assassinadas, vítimas de violência doméstica, esta turma decidiu também apresentar o projeto “Violência”, um projeto de escultura que alerta para a indiferença com que estas questões são encaradas ainda hoje na sociedade portuguesa. Três dos projetos escolheram a violência sobre as mulheres e um sobre os homens.

O 10º e o 11º anos apresentaram ainda o projeto “Acessibilidade ou não acessibilidade, eis a questão”, um projeto do artista plástico Vasco Araújo em parceria com o serviço educativo das Galerias Municipais, a EGEAC e a nossa escola. Este projeto, com a duração de quatro meses, confrontou os alunos com as questões da acessibilidade (social/política/espacial/racial/de género). Foram discutidos os conceitos e foram feitos exercícios de Cidadania, Fronteira, Liberdade, Igualdade, Ética e Reconhecimento. Ensinar-se aos alunos modos corretos de lutarem pelo que acreditam. Como exemplo de um desses modos foi concretizada uma manifestação para a qual, escolheram as palavras de ordem, realizaram cartazes e pediram as devidas autorizações.

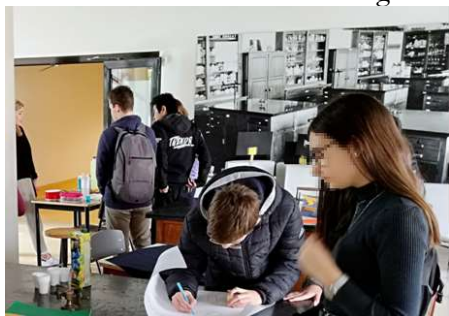


A Geografia, no dia da Rainha, também foi à Festa... e os alunos foram a Jogo.

Os alunos do 7º ano deram Cartas, fizeram Perguntas e atribuíram Pontos. Foi uma manhã bem passada, onde o entusiasmo dos alunos de Geografia

era contagiante e brilhou.

A atividade proposta, muito simples. Criou-se um pequeno ambiente geográfico, com mapas e globos terrestres, no átrio central e utilizaram-se jogos que habitualmente estão disponíveis no CREM. E lá estiveram os mais pequenos a avaliar o conhecimento geográfico e a consciência ambiental, de todos os que estiveram interessados e ... sem medo, de participar e competir!!! Do Básico ao Secundário, todos participaram.



A 1 de abril, dia em que a nossa escola comemorou o dia mundial da poesia, fomos presenteados com uma atuação dos alunos do Instituto Gregoriano de Lisboa de forma a celebrar a poesia.

À medida que nos apresentavam músicas clássicas, também cantavam poemas dos maiores poetas portugueses tais como Luís de Camões ou Fernando Pessoa.

Na minha opinião, esta iniciativa foi muito importante pois mostrou, através de uma forma viva e cativante, clássicos da poesia. Aliado a isto, também gostei da excelente atuação musical visto que não existe melhor maneira de declamar poesia do que com música.

Estas atividades são uma forma excelente de promover a leitura da poesia

Miguel Isidoro

A arte, nos dias que correm, tem sido cada vez menos apreciada e valorizada, sobretudo pela geração mais jovem.

No Rainha Dona Leonor, provou-se que ainda existe um pouco de esperança. Vários alunos do secundário fizeram um pequeno espetáculo para honrar o dia da poesia. Com o auxílio da aprendizagem que tiveram no Instituto Gregoriano e no Conservatório conseguimos obter uma amostra de uma jovem orquestra.

Foi-nos possível ouvir diversas composições de grandes músicos como Bach e Beethoven ao som de violinos, violoncelos, pianos e, não menos valorizada, a voz de todos estes alunos. Estas composições eram intercaladas com leituras de poemas de vários autores que foram escolhidos pelos próprios alunos.

Desta maneira foi possível compreender que a arte é subjetiva mas ainda há quem lhe dê valor e perca tempo para o demonstrar e partilhar com os demais.

Joana Silva

Muito bem organizado pelos meus colegas, intercalando poemas lidos por alguns com obras cantadas e tocadas por praticamente todos, foi uma hora e meia (sensivelmente) agradável de se assistir. Mesmo para quem pouco liga a poesia e música erudita (o meu caso), foi um espetáculo digno desse adjetivo, com o ponto alto a coincidir com a sinfonia de Mozart ("Eine Kleine"), da peça "The Swan" da obra Carnaval dos Animais, e a canção do filme Rei Leão da Disney, "The circle of life".

Foi uma atuação bastante interessante de modo a cativar alguns para a beleza destas duas áreas.

Rodrigo Jorge

Vários alunos da escola que estudam música juntaram-se e aliaram a poesia à música, proporcionando assim a diversas turmas uma experiência diferente. Ao longo da atuação intercalaram a interpretação de peças musicais com a leitura de poemas de diversos autores, tendo privilegiado o encontro entre a lírica portuguesa e as pautas musicais clássicas.

O resultado final foi deveras surpreendente, pois visto tratar-se de um espetáculo de música clássica acompanhado pela declamação de poemas, os espectadores, maioritariamente do 12 ano, poderiam não mostrar o interesse esperado. Mas ao invés do que se pensava, a plateia mostrou-se interessada e envolvida pelo espetáculo. Penso que todos os participantes e espectadores concordam que esta foi uma excelente iniciativa por parte da escola. Parabéns a todos os que participaram!

Mariana Farinha

Como participante do grupo que fez parte do Concerto do Dia da Poesia, que aconteceu no dia 1 de Abril no auditório da nossa escola, irei dar-vos um "cheirinho" do que foi esta experiência.

Em primeiro lugar, o que mais retirei deste dia e que certamente guardarei é a alegria de poder fazer aquilo que mais gosto: música, em conjunto não só com meros colegas, mas amigos (com belíssimos poemas à mistura).

Em segundo lugar, é gratificante poder passar esta música que nós, músicos, tanto adoramos a um auditório com jovens que se mostraram interessados em expandir o seu conhecimento e a sua cultura musical e poética.

Gostaria de agradecer à Escola por nos ter cedido o auditório pelo segundo ano consecutivo para a realização deste concerto e a todos os que tornaram o Concerto possível, nomeadamente todos os meus colegas músicos e também o público, porque não vale a pena fazer música se não houver ninguém a quem a transmitir.

Alexandre Cruz Coragem



School Trip to Scotland

On a bright April morning a group of fifty four students, four brave teachers and a school operational assistant left their cherished city to go on a dazzling six-day-long-adventure.

In a Scottish accent they said ‘Bye Bye Lisbon and Hello Edinburgh’.

The three-hour-long-flight recharged all our batteries and as soon as we got to the hotel we were all ready to explore the city.

We looked at everything in awe, as if what we saw only existed there. Every peculiar little thing was a discovery for us (or rather a re-discovery). For example: although we knew they drove on the right, we weren’t less troubled when we looked at cars and saw the left seat empty...

An afternoon was more than time enough for us to completely familiarize with the city and when it was time to leave we already felt at home and what was initially a ginormous group was now our big (dys) functional family.

In the following days, we walked from highlight to highlight, from Arthur’s Seat all up to The Highlands and much more.

We started with Calton Hill, Edinburgh’s first public park that connects the New and the Old Town, and not even here did Geology give us a rest. Volcanic activity was what conferred to the park its irregular heights and what formed Arthur’s Seat. So all in all, we have Geology to thank for the best panoramic views of the city.

Then it was time for us to discuss Art. The National Scottish Gallery arose in us tastes that we didn’t even know we had. No one would have thought that such a little exhibition had so many beautiful and famous paintings.

And in the afternoon, we conquered The Castle. We walked all around it, entering every door and visiting every single exhibition. It was like a mini version of a city. But two hours still were not enough to explore it all (same stands for Edinburgh itself).

We began the next day with Holyroodhouse Palace. As we ente-

red, the assistants gave each one of us a smartphone as audio guides, with professionally made videos to illustrate what was being said. As if that distinctive place wasn’t on itself quite enough... Not only the architecture and the decoration were beautiful but its surroundings as well. All green and flowery (Scotland in two words, that’s to say).

On our way back to The Royal Mile (the succession of streets forming the main thoroughfare of the Old Town), we visited The Edinburgh Museum and People’s Story Museum as well. Two small museums made with fondness and care that told us how life in The Old Town used to be from the 18th century till nowadays.

Before going back to the hotel and after having had lunch, we went for one more walk. This time around Grass Market, a historical pub area (before drinking time, of course!)

In the next day, we finally climbed Arthur’s Seat and enjoyed the breathtaking landscape that was Edinburgh. We went the entire clamber huffing and puffing but when it was time to come down... rolling down the hill we went. Just like little kids. And the feeling was so good that we would go all the way up again just to do it one more time.

Then, in The National Museum of Scotland the group divided itself into smaller ones so that everyone could see what they wanted in that endless museum with seven floors and multiple areas. If ‘A Night in the Museum’ had been shot there, there would have to be a third movie so no section was left

out.

To end our stay in Edinburgh in the most remarkable way possible, some of us went to Camera Obscura that afternoon. The illusions left us all a little too dazed and amazed.

After four days, off to The Highlands we went. More than 250 km and 6 hours on the road to see The Loch Ness Monster. When we finally arrived we went on a small cruise in the lake. And ... we did find the monster! It might’ve been only a sticker in the window but when filmed it really seemed very real.

Before going back to Edinburgh (back to the road that is) we had a little peek of Inverness and had dinner nearby.

Our dynamism kept on going even in the airport where we played hide and seek and many other games in those 5 hours of waiting for the flight (some of course slept...)

And just like that, a week went by and back to Lisbon we were.

In the end, we were indeed dazzled by the country and by each other.

So the question is: When are we going back?



Loch Ness



Holyroodhouse Palace

Mais um período passado e com ele a concretização de uma série de eventos e atividades organizadas pela Associação de Estudantes do Rainha.

Os torneios, que aquando da última edição do jornal ainda não tinham efetivamente acontecido, foram um sucesso, principalmente se considerarmos que, como o valor da inscrição era uma doação alimentar (para ajudar Moçambique), acabou igualmente por ser uma iniciativa solidária.

Fora essa ação, promovemos também, em parceria com o Grupo 7 Escoteiros de Portugal, uma recolha de roupa para o mesmo fim e, mais recentemente, entrámos em contacto com o Banco Alimentar para dar aos nossos alunos a oportunidade de dia 25 e/ou 26 de maio fazerem uma ação de voluntariado no armazém de Lisboa.

Em termos académicos, organizámos a Semana Política, entre 29 de abril e 3 de maio, que ficou marcada por palestras de consciencialização política, bem como a discussão de temas da atualidade, como a educação e a vida jovem em Portugal, a situação atual da Venezuela e as novas

tendências políticas.

Apoiámos também a vinda do “Projeto U”, responsável pela realização de palestras sobre os diferentes cursos universitários. Porém, para grande pena nossa, a adesão a esta iniciativa foi muito fraca.

Entretanto, deram-se as semifinais do “Alvalade Got Talent”, marcadas pela participação exclusiva de cantores.

No entanto, sem dúvida que o momento alto das atividades deste período é o Baile de Finalistas do 12º ano, no dia 3 de junho (que é também, naturalmente, aquela que organizámos com mais carinho, visto que a grande maioria dos membros da AE termina este ciclo escolar no presente ano).

Assim, é com grande satisfação que declaro que este foi mais um período bem-sucedido, considerando todo o feedback que temos recebido até agora.

Mais iniciativas virão!

A Coordenadora do pelouro da Educação,

Joana Pechirra



Post de divulgação no Instagram da AE sobre a Iniciativa U



Semana Política

No último dia da Semana Política, dia 3 de Maio, tivemos a oportunidade de assistir a uma palestra sobre as novas tendências políticas.

Dos vários oradores destacaram-se Inês Sousa Real, deputada municipal que representou o partido PAN, Mateus de Carvalho, representante do Volt (iniciativa europeia), e Filipa Osório que representou a Iniciativa Liberal.

Na palestra foram abordados diversos temas atuais como questões ambientais, sociais e económicas. Os alunos foram incentivados a intervir e a assumir um papel ativo na política, evitando a abstenção, de forma a representar a voz dos jovens que são afetados, cada vez mais, pela falta de consideração que têm tido pelo seu futuro.

Helena Rodrigues

Mais um evento organizado pela Associação de Estudantes, as palestras realizadas visaram a melhor compreensão do estado político em que não só Portugal se encontra, mas também o mundo.

Embora uma grande parte dos alunos do 12º ano tenha idade para votar este ano pela primeira vez, são poucos os que percebem o que é que cada grupo defende e o que pode vir com a subida destes ao poder. É comum pensar-se que um voto não vá fazer diferença e que se não nos envolvermos na política as coisas vão acabar por melhorar por si. Na verdade, cabe-nos a nós, às gerações mais novas, decidir que tipo de futuro e evolução queremos e achamos que o país merece.

A palestra de 3 de maio acerca das novas tendências políticas que contou com a participação de Inês Sousa Real, Mateus Carvalho e Filipa Osório.

Tocando em assuntos como a taxa de abstenção nas eleições do país devido à falta de esperança no sistema político português, a importância da proteção ambiental e a consolidação dos direitos sociais e humanos, estes oradores criaram uma hora e meia de novidades e conceitos interessantes para aqueles que se disponibilizaram a assistir a estes discursos.

Espero que esta semana tenha criado acima de tudo um novo interesse pela política e pelo futuro, que tenha incentivado todos a participar mais ativamente nestes assuntos e tenha consciencializado os demais sobre o que os rodeia e que muitas vezes ignoram.

Maria Queirós

Não te contentes com o espetáculo do mundo! Age!



“Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo” diz Ricardo Reis (heterónimo de Fernando Pessoa). Quis interpretá-la de forma um pouco diferente, segundo o que nos diz José Saramago em relação à frase. Não sei se é isto que eles queriam transmitir com o que disseram, mas foi o que me veio à cabeça a ouvir o que ouvi.

Sim, contempla! Aprende assistindo, enquanto observas a tristeza e a miséria a acontecer, num mundo em que a hipótese de voltar atrás não é mais uma hipótese, porque as voltas que fomos dando à volta do que nada importava, tiraram tempo à reviravolta que de facto interessava.

Sim, age. Aprende fazendo, enquanto participas na desgraça que vês e procuras um caminho de volta à graça inicial de um mundo sem dor, desprovido de horror.

E maior que a tristeza dos rostos quase mortos de quem não tem a sorte de nascer num lugar propício ao “viver”, é a tristeza de ver a humanidade a apodrecer, os corações a deixar de contagiar o amor pelos outros, pelo mundo, por tudo. É assistir ao amortecer da alma, ao romper do bom senso, ao cúmulo do egoísmo. É

um olhar para si próprio pouco inteligente, mas totalmente consciente, fora do normal, mas correspondente ao que hoje já se toma como algo natural. E se quem nada sabe é ignorante, quem observa e não age é ainda pior, e quem critica quem não age mas nada faz em contrário é hipócrita. E quem não é? Somos todos.

Atentos ao que nada importa, desatentos ao que inconscientemente incomoda, as voltas que damos a “contemplar o espetáculo” enquanto agimos da maneira errada, transformam-nos numa raça que, acima de tudo, está “avariada”.

Carolina Leite

Compal®: o Fenómeno

Será que há algo mais sinónimo da cultura portuguesa do que após uma tarde passada nos baldios alentejanos, voltar para casa da “vóvó”, com as paredes tão azuis e brancas tal como a bandeira que D. Afonso Henriques quis que representasse aquele novo país, já tão ilustre, e comer uma boa fatia de bolo de laranja com um Compal® pêssego. Pois é, se há uma marca que representa a sagesa lusitana aliada ao espírito empreendedor dos nossos antepassados que partiram para outras terras, é sem dúvida a Compal®. Isto pode parecer uma afirmação peculiar, mas se investigarmos mais fundo sobre o que é a Compal e o que representa, poderemos aperceber-nos da grande instituição que a Compal® se tornou para o povo português.

A Compal® foi fundada em 1958, em pleno Estado Novo. E, no pouco espaço de 6 décadas conseguiu, através de um grande conhecimento dos gostos e necessidades do povo português e da suprema qualidade do seu produto, tornar-se numa das marcas



mais apreciadas por todo o mundo luso. Isso mesmo, todas as fábricas produtoras das delícias líquidas da Compal® se situam em Portugal, fazendo com que o transporte dos frutos plantados nos pomares mais soalheiros e com os solos mais férteis de Portugal venham o mais depressa para a fábrica, desta forma dando aos seus sumos aquela frescura tão característica.

Embora a frescura ponha os seus produtos num patamar acima da

competição, não é o único trunfo que a Compal® tem. Numa era em que todas as pequenas empresas nacionais estão a ser absorvidas por empresas multinacionais, a Compal® reina no mercado de sumos. Isto deve-se ao seu conhecimento intrínseco do consumidor português. Criando várias linhas de produtos, cada uma precisamente destinada a um setor socioeconómico ou uma faixa etária em específico, sendo, desta maneira, estatisticamente impossível não serem correspondidas todas as necessidades do consumidor português.

Em suma, unindo a arte, a ciência e a tecnologia, a Compal® conseguiu criar um conceito bastante inovador, não complicando uma atividade tão básica, como a de fazer sumo. Com um compromisso tão forte pela qualidade e uma relação que só pode ser descrita como de simbiose com o cliente, criou um legado duradouro.

Vasco Santos



O humor, a arte de fazer rir, foi durante muitos anos negligenciado em Portugal, tanto pela falta de comediantes portugueses, como por ser vista como uma arte menor.

Felizmente, nos últimos anos, tem vindo a haver um grande aumento ao nível de comediantes e de adeptos da arte, o que tem levado à entrada de Portugal no ciclo de humor internacional. Pela primeira vez tivemos a inclusão de Portugal, em março deste ano, numa tour mundial de um comediante britânico de renome, Jimmy Carr, conhecido por ser dos maiores no humor negro, e já foram anunciados espetáculos de outros dois humoristas de renome mundial, Judah Friedlander e Jim Gaffigan.

O mais recente humorista anunciado foi Louis C.K., aquele que é para muitos o maior humorista da atualidade, no entanto, polémico, colocando-se duas questões, quanto ao limite do humor e quanto à separação entre a obra e o artista.

Quanto aos limites do humor, eu defendo que o humor não deve ter limites, no entanto acredito que existam atitudes menos corretas a este respeito, nomeadamente a maneira como é entregue a piada e se causa ou não sofrimento desnecessário. Ricardo Araújo comenta no seu livro *"A doença o sofrimento e a morte entram num bar"* a equação definidora da comédia muito conhecida "comédia igual a tragédia mais tempo", alterando-a para "comédia igual a tragédia mais distância" afirmando que existem três tipos distintos de distância, a distância temporal e a distância física. Will Rogers disse em tempos "Tudo tem graça desde que aconteça a outra pessoa", ou seja, para Will Rogers a comédia é pareci-

Os Limites do Humor

da com a definição dada por Ruggero Leoncavallo "Tragédia é eu partir uma unha; comédia é tu caíres no buraco de esgoto e morrer", e a distância que estabelecemos entre nós e nós mesmos, acrescentando ainda o exemplo de Neil Simon que num prefácio de uma coletânea de peças suas conta esta história: "não muito tempo depois de se casarem, ele e a mulher estavam a ter uma discussão bastante intensa na cozinha. No calor da contenda, ela fez um gesto demasiado largo e acertou-lhe com uma costeleta de vitela congelada no sobrolho. Nesse momento, Simon deu por si a olhar para a situação a partir de fora. Subitamente, deixara de ser um protagonista do conflito, cheio de raiva e agressividade, e era agora um calmo observador, que assistia a uma altercação entre duas pessoas que – era óbvio – dali a minutos já teriam feito as pazes e, muito provavelmente iriam jantar a arma que tinha acabado de ser brandida. Desse novo e distanciado ponto de vista, o que dantes era terrível parecia agora ridículo. Convém assinalar que a mudança de ponto de vista não altera a natureza da ação, mas sim o modo de a perceber, como quando damos um passo atrás diante de um quadro e vemos pormenores que, tendo estado sempre na tela, não tínhamos sido capazes de captar".

Em relação ao tempo criou-se a ideia de que não se pode ridicularizar acontecimentos trágicos no dia destes terem ocorrido, por estarem muito presentes na memória e por estarmos ainda de luto, mas que tal já é possível semanas depois do ocorrido, por serem considerados para muitos águas passadas. No entanto, a tragédia não desapareceu, aconteceu na mesma; a quantidade de vítimas não se alterou, ou quanto muito até veio a aumentar, e as verdadeiras vítimas e famílias das mesmas ainda se encontram marcadas pela tragédia e muito provavelmente permanecerão neste estado durante o resto da sua vida; e, por isso, por esta lógica, ou se pode ridicularizar tragédias no dia das mesmas ou não se pode de todo, enquanto houver memória das mesmas. O problema desta situação é que

não são as vítimas que se queixam de comentários de caráter satírico relativos aos acontecimentos de que foram vítimas, mas sim pessoas que apenas viram a notícia e se decidiram sentir ofendidas por quaisquer comentários relativos à mesma, como se tivessem sido elas a as reais vítimas. Este é o problema das redes sociais: as pessoas acham que têm o direito de se sentirem ofendidas por tudo e por nada e se não gostam do comentário de alguém, não conseguem apenas ignorar, tentam fazer pressão para censurar essa pessoa muitas vezes, no caso de humoristas, tentam acabar com as suas carreiras profissionais. Hoje em dia as pessoas não se juntam para resolver os problemas sociais que enfrentamos, juntam-se para combater aquele comentário de que não gostaram. Um exemplo disto foi o caso de Antony Jeselnick, humorista americano, que após um tubarão branco ter devorado um homem na Nova Zelândia brincou com a grande diferença entre o número de tubarões mortos por ano, apresentando um número astronómico, e o número de pessoas vítimas de tubarões no mesmo, que rondava as vinte pessoas. Face a esta grande desigualdade, o humorista decidiu dar os parabéns por eles equilibrarem a balança, festejando assim a morte da vítima. Este sketch foi produzido e apresentado num canal de televisão americano, sendo apenas destinada sua visualização a americanos; no entanto, houve quem achasse necessário partilhá-lo com a família ainda de luto e a população da Nova Zelândia, causando assim sofrimento desnecessário, o que veio a resultar ainda em várias ameaças de morte dirigidas ao humorista e à sua família. Por isso, no meu entender, este sofrimento era desnecessário, mas a culpa não recai sobre o humorista que o escreveu e protagonizou, pois não era sua intenção atacar a família da vítima, recai em cima de quem achou necessária a desnecessária partilha do sketch com aqueles que sofriam as consequências do ataque.

Tiago Pardal

Exposição final dos alunos do 12º ano de artes

A inauguração da exposição dos trabalhos dos alunos de 12º de artes foi no dia 22 de maio pelas 18:30. Estiveram presentes a Direção da Escola, professores, alunos, familiares e amigos. A Diretora da Escola, Dra. Hermínia Silva abriu o momento com algumas palavras de reconhecimento aos alunos e de seguida o Delegado da turma, António Gomes, e a Sub Delegada Margarida Gomes agradeceram de modo geral sem deixarem de particularizar as pessoas que ao longo dos três anos do secundário os acompanharam e fizeram a diferença. Explicaram também de forma sucinta como os trabalhos expostos refletem três anos da disciplina de Desenho e um ano da disciplina de Oficina de Artes. Houve um beberete e foi um tempo bastante simpático e agradável de convívio entre todos os presentes, confirmados pelos sorrisos estampados nos rostos de quem deambulava por entre as obras e trocava dois dedos de conversa com os convidados.

Os alunos estavam felizes e sentiram-se realizados e por isso todos os outros convidados estavam felizes também! Para o próximo ano há mais!

A exposição estará presente até ao dia 14 de junho, ainda podes ver com atenção e trazer um amigo para conhecer o que se faz em Artes no Rainha.





Uma Aula Normal ???

Os professores são engraçados, principalmente quando começam a falar sobre nós já não sermos crianças, como por exemplo: estou eu na boa, a desenhar o meu anime favorito e, de repente, a professora vira-se para mim e faz-me um ultimato: “Ou concentras-te ou vais para a rua!”. E depois de eu ter apreendido a minha lição e literalmente abrir o meu livro, lá vai a professora fazer o seu discurso sobre nós sermos crescidos o suficiente para comportamo-nos bem e blah blah... exames... blah blah... cresçam...blah blah...idiotas...blah..., espera, idiotas?

Enquanto eu tento processar o que a professora acabara de dizer, um pedaço de alface sai disparado por detrás de mim fazendo uma aterragem segura nos óculos da minha colega da frente.

As perguntas começam a disparar por todos os lados: “Quem é que atirou isso?” “Eh, o que é aconteceu?” “Mas, mais importante: cereais ou leite primeiro?”, pergunta o meu colega, suficientemente alto para que todos os presentes comessem a murmurar entre si: “Eu ponho o leite primeiro” “Ahh, eu os cereais” “Epá, eu primeiro arranjo uma taça”, toda a gente se volta na direção da voz com uma expressão de “quê?” na cara. Mas a professora ainda necessita de ganhar a atenção dos alunos e então, diz alto e claramente: “Se for assim, primeiro tem se de se “existir” e, por um momento, todas as questões filo-

sóficas pareceram obter uma resposta; nesse preciso momento, nessa sala, pela primeira vez em muitos anos reinou o silêncio. Até o sócio João sacar dum pacote de bolachas e começar a comê-las. Crunch Crunch foi a única coisa que se conseguiu ouvir nesse instante. Crunch Crunch e a professora mandou-o para a rua. Ao fazer o seu caminho até à secretária da professora para ir buscar um papel sobre a sua falta disciplinar, ele tira outra bolacha e come-a... e outra e outra e outra, mesmo em frente da professora com um olhar que diz: “Ah pois é, apostas só de bacalhau” e, honestamente, eu não percebi e ao que parece os meus professores também não.

Pouco depois da espalhafatosa saída do sócio João e das tentativas falhadas da professora para acalmar a turma, vem esta jovem que se levanta do seu lugar para ficar de pé no meio da sala de aula, determinada a fazer a vida deste professor menos fácil. A professora, pouco tempo depois, faz contato visual com a senhorita e diz rispidamente: “Hey, tu, vai-te sentar” ao que ela responde: “I don't speak english” e deixem-me dizer que a vogal “O” nunca foi tão pronunciada como naquele dia.

Entretanto, na fila da janela, uma pequena luta ia acontecendo, isto é até um caderno voar janela fora fazendo com que a atenção da turma inteira se direcionasse para eles. Para diversão de todos (exceto da professora), o caderno tinha aterrado numa

espécie de telhado e todos tentavam alcançar o caderno com uma vassoura através da janela.

Durante esse tempo a professora já tinha perdido a vontade de gritar para a turma tomar atenção. Continuou a sua aula e a dar a matéria que

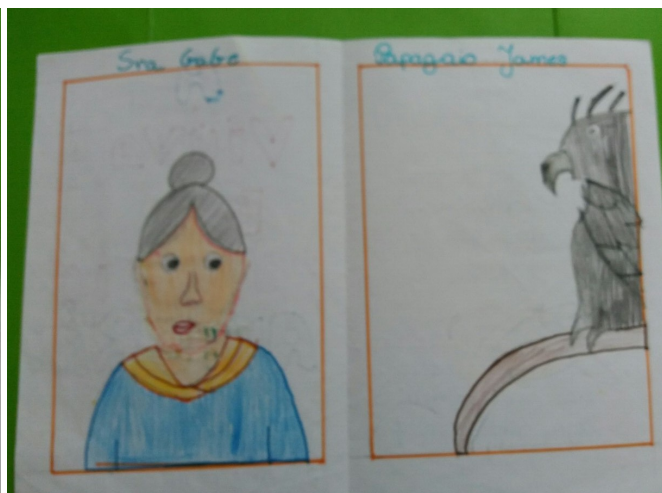
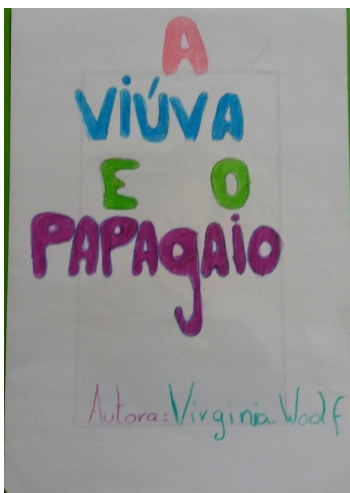


tinha para dar e, aos olhos de certas pessoas, um diagrama era parecido com uma “avioneta” dos Star Wars. (imagem em baixo)

Alguns minutos depois, o caderno foi finalmente recuperado e as aulas voltaram ao “normal”. Uns tiraram os seus telemóveis para conversar ou jogar, outros tentavam fazer conversa com a professora (pois estava um dia lindo lá fora), alguns adormeceram..ZzzZzz...e eu morria lentamente por dentro ao longo da aula.

Enfim, o que eu acho que eu estou a tentar dizer é que a palhaçada e a idiotice não têm fim, ao contrário desta história, eu suponho. Mas, já agora que o fim está quase a chegar, se calhar poderias dizer-me qual o significado de blackmail, chantagem ou um email preto?...

Trabalhos realizados pelo 5ºI após do estudo da obra "A Viúva e o Papagaio" e o estudo do retrato



A Sra. Gage é uma viúva de certa idade, miúpe, coxa e pobre mas sempre bondosa para os animais. Costuma vestir um vestido azul com uma gola amarela. Tem os lábios carnudos e a pele enrugada. O papagaio James é grande e cinzento. Tem o bico preto e as suas penas estão maltratadas. Costuma estar sempre a dizer: “Não está ninguém em casa, não está ninguém em casa.”

Poema Nomecedário

A de Adriana que já leu a fada Oriana.
 B de Beatriz que teve um final feliz.
 C de Caetana que é uma bacana.
 D de Daniela que está à janela.
 E de Eliana que gosta de banana.
 F de Francisca que segue tudo à risca.
 G de Gabriel que é um amigo fiel.
 H de Helena que é só cantilena.
 I de Inês que namora com um chinês.
 J de Jaime que caiu do andaime.
 K de Kaio que não se cala! Raio!!
 L de Luís que tem uma pinta no nariz.
 M de Mariana que parece uma dama vitoriana.
 N de Nuno que, às vezes, é inoportuno.
 O de Oriana que cativou a Adriana.
 P de Patrícia que quer ser polícia.
 Q de Quintino que era calvo e albino.
 R de Rita que é uma moça catita.
 S de Salvador que é um verdadeiro observador.
 T de Tomás que é um bom rapaz.
 U de Úrsula que é esdrúxula.
 V de Vera que adora a primavera.
 W de Wilma que tudo filma.
 X de Xavier que faz tudo o que quer.
 Y de Yara que tem uma arara.
 Z de Zacarias que é o menino das patifarias.

Beatriz Fernandes

À beira mar eu estou
 E aqui ficarei
 Quando voltas? Não sei
 Mas aqui ficarei.

Meu amigo, onde estás?
 Estarás pelo mar perdido?
 Ou pela Avantesma terás sido engolido?
 Se foste, não sei
 Mas aqui ficarei.

A tua morte eu temo
 E impaciente eu espero
 Enquanto ao frio tremo
 Estarás vivo? Não sei
 Mas aqui ficarei.

Quanto tempo vais demorar
 Para aqui chegar?
 Isso eu não sei
 Mas aqui ficarei.

Maria Inês Dias

A dor do artista é bela,
 Causada pela vida,
 Pela raiva contida
 Que se reflete na tela.

Sofrimento pela arte,
 Representar a nudez do mundo
 E expressá-la sem fundo,
 Da vida faz parte.

Ser artista
 É ter suor na testa
 E sangue na tela.
 Grandezas insignificantes,
 Pormenores importantes,
 Olhos onde ninguém os veja,
 Enredos quase inocentes
 E ouvidos não só nas paredes.

Ser artista
 É ter a nossa própria voz,
 Ter por todos uma só voz!
 Isto é ser artista.

Ser artista
 Não é ser perfeição,
 Não é ser em massa feita produção.
 Ser artista
 Não é realismo,
 Não é narcisismo,
 Não é fazer por obrigação.
 É fazer por paixão,
 Fazer com paixão.

Ser artista é introspeção
 É abrir mente e coração
 E expor toda a emoção.

Samuel Pacheco



Estava eu à beira mar
 Comecei a pensar, será que vais voltar?
 Disso não tenho a certeza,
 Mas à tua espera vou ficar!

Parece que ainda ontem te estava a olhar,
 Naquele barco estavas a entrar
 Eu queria ir e deixei-te levar
 Mas à tua espera vou ficar!

Será que estás perdido no mar?
 E eu aqui presa sem te poder ajudar
 Podem passar dias, meses, anos
 Mas à tua espera vou ficar!

Leonor Lopes

Não Vos Amar

Tanto mar, tantos dias
 já passaram, meu bem.
 Fico à espera, à espera,
 mas a embarcação, essa nunca mais vem.

Das duas às quatro espero no porto,
 rezo, rezo para que não estejas morto.
 Fico à espera, à espera,
 mas a embarcação, essa nunca mais vem.

Quem me dera não vos amar
 não sofrer enquanto estais no mar
 Espero, espero
 mas a embarcação, essa nunca mais vem.

Laura Mendes

Esperando por ti

Vi-te partir nas ondas do mar,
 só peço a Deus que te faça voltar.
 E quando vieres eu cá estarei
 e para todo o sempre te amarei!

Vem depressa meu amigo
 e nunca mais vás,
 vem ter comigo
 que a felicidade verás!

Felicidade e amor,
 tudo te darei,
 porque viver contigo
 foi o que sempre sonhei!

Isabel Costa



Projeto *Job Shadowing* – “Uma experiência a pensar o futuro”

Aqui estamos nós, pelo terceiro ano consecutivo, a dar testemunho de mais um ano de implementação do projeto *Job Shadowing*. Este projeto apenas tem sido possível com o compromisso de uma grande equipa – escola, universidade, empresas públicas e privadas - ao serviço dos alunos e que partilha de um objetivo comum: preparar os jovens para o futuro e capacitá-los para enfrentarem, de forma autónoma, os desafios que a sociedade lhes coloca ou poderá vir a colocar. O *Job Shadowing* é uma prática que oferece aos nossos alunos, que frequentam o 12º ano de escolaridade, a possibilidade de vivenciar uma profissão que lhes permita tomar uma decisão mais assertiva e consciente do percurso a seguir, após terminado o ensino secundário. Como o nome em inglês indica, basicamente cada aluno será a “sombra” de algum profissional numa área do seu interesse, num período normal de trabalho, podendo observar as suas atividades inerentes à profissão e colocar várias questões de forma a esclarecer as suas dúvidas e aprender mais sobre aquela profissão. Muitas vezes é proporcionado aos alunos o cumprimento de algumas tarefas junto dos profissionais, enriquecendo ainda mais a experiência, bem como a oportunidade de realizarem mais do que um sombreamento em áreas muito distintas e sempre indo ao encontro das expectativas e interesses dos mesmos. As circunstâncias deste tipo de experiência dependem do acordo feito entre as partes envolvidas (aluno, escola e entidade de acolhimento), mas normalmente têm a duração de um dia de trabalho e procura-se articular as disponibilidades de cada um. Tal como nos anos anteriores, a maior parte das experiências realizaram-se na última semana do 2º período e durante o período da interrupção letiva da Páscoa, época mais tranquila de responsabilidades académicas.

A realização dos sombreamentos depende da generosidade e disponibilidade dos profissionais e da permissão da entidade pública ou privada a que pertencem e tem sido gratificante manter e conquistar novas parcerias com várias instituições ao longo do

tempo. Sentimos que o nosso projeto de *Job Shadowing* é bem acolhido e acarinhado pelos profissionais que recebem os nossos alunos, porque se identificam com ele, dado que já foram alunos do 12º ano, já passaram pela difícil fase da escolha de um percurso pós secundário, como aliás referiu o Arquiteto Paulo Pinheiro na avaliação desta experiência: “Todos — no atelier — gostámos muito de receber os alunos e achamos a iniciativa muito produtiva e de grande importância. Quase todos tivemos expressões do género: “se no meu tempo houvesse este tipo de iniciativa... tudo tinha sido mais claro no momento da escolha...””

Foram 56 os alunos que realizaram o(s) sombreamento(s) em diferentes áreas de interesse e foram muitos os profissionais e entidades que generosamente os acolheram: IPO de Lisboa, AdvanceCare, Hospital Veterinário da Estefânia, Assembleia da República, Instituto de Informática da Segurança Social, Casa de Saúde do Telhal, Clínica São João de Ávila, SPTevisão, SIC, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, IGOT – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, Departamento de Geografia e Planeamento Regional da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, Jardim de Infância e Escola do 1º Ciclo de Santo António, Dino Parque, Cruz Vermelha, Ilustradora Joana Mosi, Hotel Londres (Cascais), WeArchitecture, Cacto – animation studios, OGMA, WhiteWay, Nestlé, Sport Lisboa e Benfica, Polícia de Segurança Pública – 18ª Esquadra, Atelier do Estilista João Rôlo, a Psicóloga Susana Alves, o Piloto da TAP Pedro Alves,...

A todas as entidades e respetivos profissionais, gostaríamos, mais uma vez, de expressar o nosso sincero agradecimento por abraçarem e acreditarem neste projeto, pelo apoio, generosidade, acolhimento e tempo que disponibilizaram, muitas vezes alterando o seu dia normal de trabalho!



Deixamos alguns testemunhos de alunos quanto às suas experiências de *Job Shadowing* deste ano:

“No âmbito do projeto *Job Shadowing* que está a decorrer na escola, no dia 17 de abril tive oportunidade de passar um dia na empresa Nestlé a acompanhar a advogada Carolina Caneira. A experiência durou uma tarde, mais precisamente seis horas, que incluiu almoço, para o qual recebi o convite por parte da empresa.

A experiência ajudou-me a ver e perceber uma vertente do Direito que eu nunca tinha ponderado, mas que depois de passar o dia com a Dr.ª Carolina, despertou-me imenso interesse e sem dúvida que esta experiência ainda me deu mais certezas do curso que quero seguir.

Tenho a agradecer à equipa da escola que organiza o projeto e à Dr.ª Carolina Caneira que se disponibilizou para eu a acompanhar no seu dia.”

Inês Teixeira

“A minha participação no Projeto *Job Shadowing* deu-se no dia 4 de abril, das 9h:30min às 16h:30min (hora acordada entre nós e o profissional), e consistiu no acompanhamento, ao longo do dia, da diretora da área financeira da AdvanceCare-empresa especialista na gestão de seguros e planos de saúde.

Para ser sincera, apenas decidi inscrever-me nesta iniciativa, por gostar de novas experiências e não tanto por ter uma grande necessidade e urgência em tentar perceber o que gosto, já que para mim a decisão é clara: gestão. Porém, verdade seja dita, subestimei a importância desta oportunidade, que veio revelar-se útil, acima de tudo, para perceber aquilo que não suscita tanto o meu interesse em termos concretos de mercado de trabalho nesta área.

Apesar de tudo, como comecei por dizer, esta experiência foi mais esclara-

(Continua na página 25)

(Continuação da página 24)

recedora para perceber aquilo em que, de facto, não me revejo: se por um lado, não creio que alguma vez conseguisse passar tantas horas em frente a um computador a analisar dados (preferia antes algo que, aliado a essa análise, tivesse uma componente mais social e menos rotineira), por outro, fui alertada para a exigência do mundo do trabalho, designadamente num cargo de chefia, não só a nível de conhecimentos e capacidades, como disponibilidade de tempo.

Penso que esta oportunidade serviu acima de tudo para me consciencializar da exigência do mercado de trabalho que, por isso, requer a constante procura de um ponto ótimo entre as nossas responsabilidades e os desafios que nos são colocados.

Assim, apesar de admirar e aspirar um dia ter toda a dedicação e profissionalismo que encontrei nesta equipa, terminei esta experiência a considerar que talvez este não seja o ramo mais indicado para mim na área da gestão. De resto, melhor experiência era impossível.”

Joana Pechirra

“A passagem de um jovem do ensino secundário ao mundo do trabalho consiste num processo agri-doce. Por um lado, o começo da independência de um indivíduo, por outro, o início de um caminho de eventuais altos e baixos em que se entra, a grande maioria das vezes, às cegas e com pouco tempo para refletir acerca do mesmo.

(...)

Com uma cabeça que já se havia virado entre as artes plásticas e a ciência, acabei por encontrar na arquitetura uma mistura daquilo que gosto e daquilo que sei fazer, juntando o útil ao agradável.

Desde opiniões sobre as faculdades mais conhecidas de arquitetura e urbanismo do país, como é o IST, a FAUL, a FAUP e a Universidade de Évora, até visualizações de projetos em desenvolvimento em ArchiCad, o sombreamento da profissão, assim como esta, constituíram quatro horas de muito dinamismo.

Foi com muito gosto que pude ver como é uma tarde num ambiente de trabalho de arquitetos e compreender as fases pela qual uma ideia passa para

que, mais tarde, possivelmente se torne mais que algo abstrato. Realmente foi uma oportunidade que me deu certezas de que é isto que quero daqui para a frente, quer no âmbito do estudo e aprendizado de toda a teoria da arquitetura, como enveredar na própria carreira.”

Iara Boleta

“Inicialmente decidi participar neste projeto pois considere que fosse uma experiência diferente do comum, da qual poderia resultar o benefício de me ajudar na minha futura escolha académica e/ou profissional.

Apesar da minha experiência individual não me ter surpreendido, considero a participação nesta atividade algo fundamental para alunos do 12º ano. Tanto podem concluir que é mesmo aquilo que querem fazer da vida, como excluir completamente essa opção, o que muitas vezes é uma coisa boa pois facilita-nos as decisões futuras (como por exemplo, a escolha de curso ou faculdade). Para além disso, é sempre um dia diferente em que quebramos a rotina e experienciamos o “mundo do trabalho”.”

Mariana Garrido

“Bem, acho que a maior parte dos adolescentes com 17 anos como eu concordam que esta não é a idade ideal para escolher aquilo que se quer fazer para o resto da vida. Não podendo evitar estereótipos, verdade seja dita, 1001 coisas assolam a nossa mente diariamente, mas o futuro, como realidade distante e complicada, não é uma delas.

No 9º ano, escolhi ir para o curso de línguas e humanidades à última da hora, provando-se também esta uma escolha difícil, achando que ao longo do secundário as minhas inclinações mais específicas dentro desta área de estudos que tanto adoro viriam à “tona”. Contudo, cheguei ao 12º ano e o curso ideal encontrava “desaparecido”. Sabia, no entanto, que me interessava particularmente pela política, jornalismo, entre outras ciências sociais.

A minha perspetiva em relação ao que se passa no interior da Assembleia da República mudou comple-

tamente. Não é no plenário, que estamos habituados a ver na televisão, onde a verdadeira ação se passa, mas sim nos gabinetes parlamentares, ou seja, os bastidores. Também percebi que não é necessário ser deputado para ter um papel significativo em todo o processo político: também os assessores são uma peça essencial de todo este puzzle que faz o país mexer. Por último, constatei que o seu trabalho não se resume a burocracia desinteressante relacionada com leis, mas que faz realmente a diferença e que batalha diariamente por situações que nos são familiares e assuntos de forma alguma insignificantes. Tal como o Luís me respondeu quando o inquiri acerca das características que considerava essenciais para se trabalhar ali, a chave para aguentar um peso de responsabilidade e tarefas tão exigentes com um horário quase totalmente preenchido é mesmo acreditar naquilo que se está a fazer e a paixão pelos seus ideais. Por todas estas razões, a experiência fez-me perceber que a política é definitivamente uma opção a ter em mente quanto ao meu futuro.

Em relação ao projeto em si, acho que está muito bem organizado. Não posso deixar de agradecer às professoras encarregues de orientarem as experiências, pois não só tratam de contactar o profissional como também aconselham o aluno antes do sombreamento, com informações adicionais, sugestões de preparação e perguntas a fazer, etc. (...)

Rita Martins

A equipa coordenadora do Projeto Job Shadowing

Joana França, Manuela Bastos e Susana Rodrigues





Gosto de Futebol

Por atrair multidões, juntar rivais e faturar milhões, o futebol é um desporto que influencia todos os cantos do globo. Podemos não praticar a modalidade ou nem sequer gostar, mas a sua importância e influência no mundo atual é inegável. O principal ator e protagonista deste maravilhoso jogo, o futebolista, tem, por isso, uma missão acrescida: para além da pressão que enfrenta dentro de um estádio, a forma como atua fora dos relvados vai ser sempre tomada como exemplo. Os mais novos ambicionam ser jogadores, os mais velhos comentam as suas atitudes. Todo este círculo empático criado pelo 'desporto-rei' torna outro tema ainda mais importante: a Educação. Os atletas têm uma carreira desportiva muito curta (um jogador de futebol "pendura as botas" por volta dos 35/36 anos de idade), e por isso as suas decisões profissionais têm de ser muito bem

esclarecidas, para evitar perder tempo e dinheiro. Muitas vezes, para não dizer sempre, os jogadores que vêm de bairros desfavorecidos (onde a Educação é nula, para não dizer negativa), não conseguem viver no futebol durante muitos anos, visto que tomam decisões erradas. Drogas, álcool, carros, prostitutas, carreiras mal geridas, principalmente fora de campo. Se, por um lado, a Educação e formação são tão importantes para a curta carreira de um futebolista, o inverso não perde o sentido: o futebol é importante para a Educação dos indivíduos. Sendo tão imponente e envolvendo tantas pessoas, é estranho o Estado não aproveitar para "educar" a população. Já são feitas algumas campanhas contra o racismo, a xenofobia e a discriminação, mas casos como a violência ou o assédio sexual deviam ser alvos de foco. Até mesmo a importância do voto ou a relevância que tem a Escola no

futuro de cada um, são discussões que estão longe de terminar, mas que deviam ser rapidamente terminadas, e que, com jogadores, treinadores, e, sobretudo, clubes tão influentes, é de estranhar o porquê de não haver uma maior intervenção das entidades competentes. Se o futebol e os protagonistas principais podem ser ajudados pela Educação, esta mesma Educação pode ser desenvolvida com o poder do futebol. Os dois juntos formam uma arma para uma sociedade mais evoluída, mais respeitadora e menos conservadora.

Manuel Branco

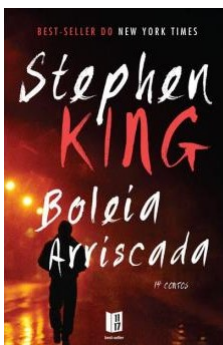
@REVISTA_MIBSTER



https://www.instagram.com/revista_mibster/

Gosto de Ler

Boleia Arriscada de Stephen King



Stephen King escreveu "Boleia Arriscada". Este livro contém diversos contos de terror e o conto de que eu vou vos falar é um dos meus favoritos.

Este conto é o "Vírus da estrada dirige-se para Norte" e começa mais ou menos assim: um escritor, que ao passar de carro por uma venda de garagem, fica encantado quando encontra um quadro que lhe desperta a atenção. Ele sai do carro e decide comprá-lo, embora tenha sido avisado pela vendedora que tinha um mau pressentimento sobre ele e que o quadro em si já era muito assustador: um homem com um sorriso de orelha a orelha a conduzir um carro sobre uma ponte. Mas Richard Kinell não se importou.

Com o quadro guardado na sua bagageira, Richard continuou a sua viagem, parando apenas para visitar

a sua tia e mostrar a sua nova aquisição.

A sua tia, ao contrário dele, não gostou nada do quadro. Ele não se apercebeu ao início que o quadro tinha mudado: o sorriso do condutor estava mais largo. Mas disse a si mesmo que era da sua imaginação.

Ao partir da casa da sua tia, Richard parou numa estação de serviço para verificar se o quadro tinha mudado o que, para seu horror, tinha acontecido. Agora, no quadro, era noite e em vez de estar sobre uma ponte, como no início, o carro estava em Rosewood, uma estrada por onde Richard passou. Ele pegou, então, no quadro e atirou-o para o meio de um pântano, para depois sair daquele sítio o mais rapidamente possível.

Finalmente chegou ao seu destino, uma cabana no meio do nada. Ele entra dentro de casa para ser recebido pelo quadro pendurado na sua parede. Ele agarra-o e observa-o com atenção, vendo que tinha mudado novamente: o carro estava estacionado à frente da venda de garagem de onde ele estivera antes e a mulher

que lhe vendera o quadro estava por todos os lados, desmembrada.

Richard não pôde acreditar no que via, abriu um canal de notícias e confirmou as suas suspeitas - o assassinato que vira no quadro tinha acontecido.

Para se acalmar, decidiu ir tomar um duche. Enquanto estava a pôr o seu champô, ouviu o que lhe pareceu o ruído de um motor.

Foi inspecionar e ao olhar pela janela do seu quarto (todo molhado ainda do duche) viu um carro estacionado ao lado do seu. Quando se apercebeu de que o carro era o mesmo que o do quadro, começou a ouvir passos a subir as escadas até ao seu quarto. Ía a trancar a sua porta só que escorregou e caiu.

Ainda no chão, Richard apercebeu-se de que já não estava sozinho e de que o seu "convitado" tinha trazido o seu quadro que tinha voltado a mudar, agora direcionado para o interior do carro coberto de sangue com as portas fechadas...

Tânia Osório

Apontamentos de Despedida

Uma turma do 3º ciclo da Eugénio dos Santos...

No 7º ano uma turma agitada, embora tudo bons rapazes e raparigas, muitos não sabiam estar numa sala de aula. Um ano repleto de queixas e mais queixas, muitas saídas da sala de aula, participações disciplinares, ninguém no quadro de honra e uma diretora e delegada de turma com vontade de alcançar melhor. Alguns alunos corresponderam, participando de forma bastante positiva na atividade “Relato de uma área...”, integrada no projeto “D’Aquém e além mar”. Mereceram ir até à Ericeira passar um dia preenchido de trabalho cívico e divertimento, onde limpavam o areal e mergulharam no mar.

No 8º ano, a turma continuou a

melhorar, as participações disciplinares diminuíram, brilharam no “Corredor do mundo” com o dragão asiático e no final do ano foram todos ao passeio. Alguns não seguiram viagem para o ano seguinte, porque ainda não tinham conseguido perceber que o sucesso se alcança essencialmente com trabalho, dedicação e vontade de fazer melhor.

Chegado o 9º ano, não há dúvidas que a turma cresceu, continuam com a força da juventude, onde nem sempre tudo sai bem, apesar de continuarem a aceitar desafios e a quererem fazer cada vez melhor, como se comprova pela participação no “Orçamento participativo da escola”. Uma turma onde possivelmente con-

tinuará a não haver alunos no quadro de mérito académico, mas onde há alunos com mérito de empenho e onde serão pouquíssimos os que ainda precisam de aprender a fazer melhor.

Esta é a turma F de 2016 a 2019 que com gosto acompanharei ao jantar de gala de finalistas e me aventuro, pela 1ª vez, num passeio de dois dias.

Estes são os alunos a quem quero desejar as maiores felicidades, repleta de sucessos pessoais e académicos.

Uma diretora de turma



Puto, Acabei a Escola!

É engraçado e nostálgico, olhar para trás e ver como o tempo voou. Olho para trás e vejo 12 anos passados. Isto até parece coisa de velhos, mas, de facto, o tempo passa a correr e quanto mais velhos ficamos, mais rápido passa.

Se pensarmos bem, a escola é um ciclo, até se divide em ciclos. Começamos por ser os mais novos do ciclo e depois tornamo-nos os mais velhos, repetimos esta história quatro vezes, até chegarmos ao 12º ano, ou seja, o fim da escola. Eu cheguei ao fim da escola, posso finalmente chegar a um rapaz do 5º ano e gritar “Puto, acabei a escola!” a plenos pulmões, apenas para o chocar com o facto de ele ter ainda 8 anos de “Hoje são as lições 1 e 2 e o sumário é: Apresentação.” (pobre coitado...), mas pronto, é um ciclo, todos “sofremos”, uns mais metaforicamente, outros mais literalmente, mas todos sentimos isso. Rio-me quando penso “Fogo! Passaste 12 anos na escola, Vasco. 12!”, mas a verdade é que não pareceu assim tanto tempo, porque como Einstein diz “O tempo é relativo”, basta apreciarmos as coisas, neste caso o tempo na escola (sim, eu sei, parece um inferno, mas lá no fundo há sempre pequenas coisas que gostamos na escola.). Basta fazer isso, e 12



anos parecerá menos tempo, vos garanto.

Enfim, acabei a escola, mas daqui a uns meses começarei outra coisa, e essa sim será um autêntico inferno, a universidade..., mas pronto, não creio que alguém tenha morrido de “universidade”, por isso creio que, tal como a escola, (sobre)viverei para contar a história. Ao leitor estudante, apenas me resta desejar boa sorte e alguma paciência.

Vasco Pechirra



E assim acaba o fim de mais um capítulo das nossas vidas. Que velhos que estamos. Neste momento já me passam pela cabeça reclames do António Calvário... "Mocidade, mocidade, porque fugiste de mim?". Que bonito percurso e que bela juventude. Quero ser nova para sempre, porque ser novo é não ser velho. Mas digovos, ser jovem não é fácil, porque nós temos todos os defeitos de um adulto, mais um: a inexperiência. Caminhamos de olhos vendados e às cegas, e com sorte não batemos com a cabeça na parede. Só por sorte.

Ao longo destes últimos três anos, senti que passaram dez, e digo isto com a melhor das intenções. Tanta coisa aconteceu, que é impossível só terem passado 36 meses. Testámos todos os terrenos: alcatrão, terra batida, areia, relva, lama, calçada e tantos outros. Mas há um problema: não somos carros com tração às 4 rodas e muito menos, todo o terreno. Por essa razão, tivemos que nos adaptar às circunstâncias da vida consoante a sua passagem. Umas vezes com mais êxito que outras, claro. Mas uma coisa é certa, por mais avisados que venhamos para o secundário, nunca estamos preparados para o valente empurrão que é entrar nesta etapa. Tudo é novo, tudo é estranho, tudo é desconhecido e inexplorado. O que fazer? Como fazer? Devo fazer? E se... assim, assado, cozido, frito e guisado. Lamento avisar, mas ninguém vai ter as respostas que procuram e o pior, é que vocês também não. Mas ainda há tempo para descobrir, porque depois de um fim, vem um novo recomeço.

Levamos connosco boas e más memórias. Mas quem é que quer saber das más? Amigos para a vida, boas conversas, bons momentos passados e muitos e muitos e muitos risos partilhados, que talvez tenham levado a uma ou outra falta disciplinar, (sempre ouvi dizer que o bom senso foge às regras). Mas que viagem tão catita a nossa. Sinto que deixa-

mos para trás a etapa mais bela da nossa vida, pela sua aparente seriedade, porque agora... agora é que a porca torce o rabo. Segue-se um novo patamar, a meu ver, mais assustador e incógnito. Mas até lá, que venham mais entradas às 8:15 e os típicos "bom dia" à Dona Glória, os atrasos crónicos a Educação Física, os berros inesperados da professora de Matemática, os vídeos brasileiros da professora de Física e a subida diária daquela escadaria infinita até ao terceiro andar. Porque quando acabarem, vamos querer que voltem.

Vivi uma vida inteira de emoções. Níveis de stress alienígenas, ansiedade a disparar, insónias atrapalhadas e introspeção no seu melhor (e com melhor, quero dizer pior). Já estive a roçar numa entrada para o Júlio de Matos, mas o facto de as paredes não serem amarelas, não me agradou. Nunca pensei dizer isto, mas vou sentir falta do amarelo berrante dos corredores da nossa escola; aliás, agora que vejo, não é assim tão mau. Mentira, é péssimo, mas a saudade adiantada fala mais alto.

Se me perguntarem qual o melhor conselho que posso dar a um adolescente que espera ansiosamente por esta etapa, responder-vos-ia: "O tempo voa. Mas voa mesmo. Estuda e diverte-te, não queres que uma coisa impeça a outra, por isso trata de encontrar o equilíbrio. E cito agora, o meu amigo Pessoa, (sim, é meu amigo.), "põe quanto és no mínimo que fazes", só assim te irás sentir realizado. Não procures culpabilizar alguém, quando és tu que fazes as escolhas, não tornes o teu caminho mais difícil, porque "ele" não precisa da nossa ajuda para o ser." Enfim, vale o que vale a minha opinião. Não sou o perfeito exemplo do que acabei de aconselhar, mas já estou como a minha mãe: "Não faças o que eu faço, faz o que eu digo."

Já me ia esquecendo de uma coisa importante. Talvez a mais importante. Agradecer aos professores. Sim, porque apesar de insistir no movimento "A culpa é do professor!", reconheço o que é estar do "outro lado". Ser professor não é um simples emprego e não deve ser tratado como tal. Um obrigada não chega, muito menos um infinito (mais um) de "obrigadas".

Saio de coração cheio, a rebentar pelas costuras. Saio feliz e de cabeça levantada. Não saio realizada, e ainda bem, porque ainda temos muito a percorrer. E enquanto houver espaço para o desconhecido, é porque ainda sou jovem. Quero ser nova para sempre, porque ser novo é não ser velho.

Obrigada, colegas e amigos. Obrigadas, auxiliares da limpeza. Obrigada, auxiliares da educação. Obrigada, professores. Por tudo e por nada.

Obrigada Rainha Dona Leonor.

Raquel Lopes